



O FATOR CAOS

Miguel Carqueija

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**Esta novela homenageia criações de Gene Roddenberry, George Lucas,
H.P. Lovecraft, Naoko Takeuchi e Bob Kane.**

**Colaboração neste e-book com capa e diagramação: Ademir Pascale
(ilustração da capa elaborada em 1906 pelo brasileiro Alvim Corrêa para a
edição belga de H.G. Wells "A Guerra dos Mundos").**

Prefácio

Mariana Albuquerque

Encontrar-se com Miguel Carqueija é um daqueles eventos que ficam na memória de qualquer escritor. Um dos grandes ícones da ficção científica e fantasia brasileira, Miguel é ainda mais imponente ao vivo, uma figura que inspira respeito, publicando desde a década de oitenta.

Alguns dos seus contos foram, até mesmo, transformados em filmes de curta-metragem, uma medalha de honra para qualquer escritor. A quem quiser eu recomendo que confira o "link" http://www.youtube.com/watch?v=CYN_11sQEQI para encontrar um pequeno tesouro.

Agora, no "Fator Caos", Miguel presenteia os leitores com mais uma aventura e uma heroína deleitável, enfrentando desafios galácticos conjurados pelo próprio Necronomicon, e, ainda mais perigosos que as criaturas desse livro vil: aqueles que pretendem conjurá-las.

Viajando pela galáxia com Miguel Carqueija, a sua jornada se iniciará nas vizinhanças de uma futurista mas ainda assim conhecida cidade de Lorena em São Paulo, recheada de socialites, jornalistas, inspetores de polícia e algumas figuras um tanto mais enigmáticas. Mas não se engane, pois a ação não irá permanecer com os pés no chão, e sim decolar com foguetes para o espaço, viajando pelas estrelas e pelo cosmos infinito até buracos negros distantes e perigosos, onde o destino do universo pode ser decidido. E mantenha as mãos dentro da nave em todos os momentos, e aperte bem o cinto de segurança, pois Miguel Carqueija não irá fazer paradas de descanso nessa viagem. Com o ritmo célere de um filme de ação, este livro não vai lhe dar tempo para nenhuma soneca. Ou talvez fosse melhor dizer de um anime de ação, pois o mundo do Fator Caos é colorido em tons vivos e cartunescos, com uma heroína que não destoaria de quaisquer protagonistas de Shojomangás, como Sailor Moon e Sakura, uma guerreira da luz destemida e até temerária, pronta para enfrentar qualquer desafio em nome do amor e da justiça. Boa viagem!

Mariana Albuquerque é escritora de ficção científica e participou das antologias "Invasão" e "Poe 200 anos"

Introdução

ANDRÔMEDA

A boca do justo medita a sabedoria
e a sua língua fala o direito; no seu
coração está a lei do seu Deus, seus
passos
nunca vacilam.

SL 37, 30-31

Em meio às luzes ofuscantes de candelabros e luminárias de toda sorte, que faiscavam pela amplitude do salão, circulavam sons e burburinhos de conversas e risos e inúmeras pessoas andavam, dançavam, comiam e bebiam. Algumas pessoas se singularizavam em meio à multidão, como aquele homem de rosto vermelho, alto e careca, corpulento, portando as insígnias clericais em seu casaco negro, que dialogava com uma mulher pouca coisa mais baixa, trajada com um misto de aprumo e simplicidade. Sua jaqueta, de fibra marciana de mangas azuis com faixas brancas, ostentava alamares dourados que coruscavam refletindo as fortes luzes do ambiente. O clérigo chamava atenção por sua elevada estatura, seu porte altivo e sua expressão que transmitia o fogo interior de uma forte personalidade.

— Eu tenho muito a lhe agradecer — dizia ele.

— A ajuda que você deu às nossas obras de caridade foi fundamental. Você haverá de receber muitas graças da parte de deus.

— Eu espero, porque preciso disso. Obrigada, Padre Oronte. Poucas pessoas se lembram de reconhecer.

— Como mulher de negócios, você certamente passou por muitas decepções, mas comigo não é assim. O bem que me fizerem, ou melhor, o bem que fizerem à Igreja e às ovelhas, eu não esqueço e não desprezo. Terá sempre um amigo em mim. Ela sorriu. — Conte sempre comigo, padre.

Ela se afastou, abrindo caminho entre as pessoas, até ser interceptada por uma mulher decotada e curvilínea, loura e supermaquiada:

— Oi, Sonia! Senti a sua proximidade pelas fulgurações dos seus alamares. Você gosta de aparecer, não é?

Sonia fitou a anfitriã, que não estava propriamente discreta:

— Depende. E você?

Arlete deu uma sonora gargalhada.

— Você acha que eu preciso aparecer, querida? Eu preciso mais é me esconder dos holofotes... olhe quanto repórter aqui. — Bem. Está satisfeita com o comparecimento?

— Satisfeitíssima! Centenas de pessoas... ora, a elite de Lorena se encontra aqui. Até você, que é tão recatada! Veio procurar um namorado por aqui?

— Por que pergunta isso?

— Porque uma moça bonita e inteligente como você deveria ter um namorado! Um ou vários...

— Tratarei disso oportunamente — respondeu Sonia, secamente.

A outra tornou a rir, estupidamente.

— Bem, querida, fique à vontade! Olhe, vá tomar um ponche... Arlete se afastou, já enganchando o braço num dos amigos. Sonia Maria Sagres foi caminhando com a idéia de chegar a uma varanda, sentar na frescura da noite. Um homem de terno marrom abordou-a e beijou-a:

— E aí, princesa? Quer me dar suas impressões sobre a festa da condessa?

— Por que o Pontual se interessaria pela minha opinião?

— Por que? Ora, porque você é uma das maiores milionárias do Brasil e provavelmente tem mais dinheiro que a Arlete. Ela deve ter até inveja...

— Eu não sei quanto dinheiro tenho e não quero competir com ninguém, Mário.

— Mas o que me diz da festa? Pode falar, minha lapela está gravando.

Sonia riu.

— Não sou muito chegada a ruídos, mas não poderia deixar de vir na festa de minha amiga.

— Ela era, na verdade, uma grande amiga de seus pais, não é verdade?

O olhar de Sonia esombreceu.

— É verdade.

— Bem, desculpe se a fiz lembrar...

— Tudo bem. Eu não sou uma criança.

— Diga, Sonia, o que você acha dos últimos acontecimentos em Lorena?

— Eu já disse o que penso desse prefeito que se elegeu graças à máquina. Sei que ele está aqui, mas não quero avistá-lo. — Você disse que se opõe aos cassinos...

— Ele não está preocupado com o essencial. As guerras trouxeram ao mundo uma grande quantidade de miséria e doença. A um povo pobre não se oferece jogo e sim emprego e assistência.

— Mas joga quem quer, não é, Sonia?

— Querido, não vamos ficar batendo em teclas já tão batidas. Cassino sempre foi uma coisa mafiosa e eu tenho outras objeções ao Taurus. Agora, se me dá licença...

Mário, um rapaz bonito e de cabelos pretíssimos, ficou a olhá-la enquanto ela se afastava.

Olhava-a com algo no olhar que sabia a contemplação ou devaneio.

Antes porém que Sonia alcançasse uma das portas-vitrais que davam para o ar livre, uma nova presença a interceptou. Um ser humanóide, de orelhas pontudas e cabelos frisados.

— Salve, Princesa dos Cabelos de Fogo — disse ele, num cumprimento levemente irônico.

Ela fitou amigavelmente o vulcaniano:

— Como está, Glikus?

— Preciso lhe falar... a sós. Vamos para uma das varandas?

— É o que eu ia fazer. Vamos.

Afastaram-se do burburinho e logo, na varanda, passeavam entre moitas de samambaias e palmeirinhas, de árvores choronas e girassóis. Havia árvores com mochos piadores. Passavam casais de namorados, fumantes e crianças, e eles procuraram um banco vazio para conversar. O vulcano recostou-se no espaldar do banco de madeira e começou:

— Eu a conheço há pouco tempo, Sonia, mas *sinto* coisas em você... coisas extraordinárias.

— Como assim?

— Se me permite a franqueza, você não é o que parece ser. O que eu sinto é como se na verdade você tivesse duas vidas... uma à superfície, a outra totalmente oculta. Pode admitir isto que eu lhe digo?

— Que tolice, Glikus! Todos nós temos a nossa vivência íntima... a máscara, como dizem.

— Não é a isso que me refiro. Eu tenho às vezes a impressão de que você é uma pessoa completamente diferente do que parece. Pode admitir isso?

— É claro que não. Ainda acho que eu sou eu mesma...

— Não ironize. Como você sabe nós, a raça de Vulcano, possuímos certa tendência intuitiva...

mais apurada que na humanidade terrestre. É por isso que às vezes nós sabemos coisas sem saber por que sabemos...

— Também nós temos a intuição...

— Mas não no grau a que nós outros a temos. Bem, o que eu tenho a lhe dizer é que o seu caminho deverá ser árduo, difícil... mas que você não deve desanimar. Sua missão é estupenda. Algo quase inimaginável... algo para o seu "alter ego". Seu caminho é justo e você deve segui-lo, mas não espere facilidades.

— Quem lhe disse tudo isso, Glikus?

— Ninguém. Isso está saindo de mim, nem eu mesmo sei porque. Mas sinto que é assim. Para mim você é um mistério, mas uma luz interior me diz que é isso mesmo que eu lhe falei. Como é que você pode ser duas pessoas eu não sei, e não sei quem é essa outra pessoa que você é. Não quero perturbá-la; já vou indo.

— Espere... Ele sorriu e se levantou.

— Preciso ir. Meu tempo é curto. Mas nunca desanime: tenha fé no que faz.

Quando finalmente Sonia chegou ao seu carro, um magnífico Luxor de frisos vermelhos, tinha uma expressão muito pensativa. Entrou no veículo e pôs-se a descer pela alameda de cercas vivas.

— *Você está muito pensativa. Aconteceu alguma coisa que a perturbou.*

— Eu sou pensativa por natureza, Liz.

— *Eu sei. Mas percebo que algo diferente aconteceu nessa festa. Você não estava assim, Andrômeda. Que foi que houve?*

— Não me chame por esse nome.

— *Sou de construção bastante hermética, você sabe, e ninguém pode nos ouvir.*

— Eu sei.

— *Então para que se preocupar, Andrômeda? Conte-me o que houve com você.*

— Um sujeito de Vulcano falou coisas estranhas comigo... como se soubesse quem sou. E ao mesmo tempo como se não soubesse.

Estou sendo clara?

— *Como pixe. Mas continue.*

— Ele disse que eu não sou o que pareço ser... que eu sou duas pessoas... mas ao mesmo tempo esclareceu que não sabe do que se trata, que apenas sente... compreendeu, Liz?

— *É claro, Andrômeda. É a intuição que alguns sábios vulcanianos possuem em alto grau. Mas isso é considerado uma curiosidade, não ligue para isso.*

— É, porque afinal... espere!

Sonia teve a sua atenção desviada para uma cena insólita. A limusine, fazendo uma curva no caminho de pedra musguenta, passava agora em frente a um pavilhão com vastos painéis de vidro à beira do precipício. Quatro homens mascarados perseguiram uma moça morena de saia curta, que foi cercada em frente a uma estátua de Apolo. Perplexa, Sonia saltou do carro, enquanto a garota, que gritava pedindo ajuda, era amordaçada e amarrada pelos assaltantes.

— *Cuidado, Andrômeda — disse Liz.*

— O.K.

Sonia correu, mas não foi possível alcançar os seqüestradores, que enfiaram a vítima num carro marrom e partiram por uma ruela que rodeava os pavilhões e descia para um nível mais baixo, em torno da montanha. Sonia correu como um papa-léguas. Sabia que existia uma guarita mais adiante, com sentinelas. Ultrapassou palmeiras e jacarandás e, sempre ladeando os painéis de vidro, viu-se afinal diante de guardas de libré.

— Que houve? — perguntou um deles.

— Fechem as saídas! Há um carro marrom em fuga, levando uma moça prisioneira! Não há tempo a perder.

— Como diz, moça?

A voz viera por trás. Sonia olhou, admirada, para dois homens também uniformizados que a fitavam com estranheza. Estariam atrás das árvores?

— Eu disse que não há tempo a perder. Uma pessoa está sendo sequestrada! Vocês têm os meios de fechar as saídas. — Mas quem é a senhora?

— Eu sou Sonia Maria Sagres. Vocês sabem quem eu sou. Tratem de agir, por favor!

— Moça — disse o homenzinho de bigode, um dos dois que Sonia avistara primeiro — está muito nervosa.

— Nervosa? Que é que você quer dizer? Mande fechar as saídas, droga! Você quer que eles escapem?

— A senhora está nervosa — insistiu ele. — É melhor tomar um calmante.

— Que está dizendo? Está louco?

O homem muito alto e magro, mulato, da segunda dupla, adiantou-se:

— Por favor, moça. Não faça cenas, se acalme. Faremos tudo para ajudá-la.

— Sim — disse o bexiguento louro ao seu lado. — É melhor vir com a gente, há vários médicos na festa...

"Uma distração", pensou Sonia. "É pura manobra de distração, mas vão querer usar de violência. Há qualquer coisa muito estranha nisso tudo."

Eles se aproximavam, dois de cada lado, com a evidente intenção de segurá-la como se ela estivesse histérica. Olhando ao redor Sonia tomou uma rápida decisão e, protegendo o rosto e confiando na resistência do traje de *fibloplastic* marciana, jogou-se contra o painel, arrebatando o vidro e caindo no abismo. Dez metros abaixo, porém, conforme ela sabia, encontrava-se uma piscina. Era naquele ponto mesmo, e Sonia sabia que se encontrava cheia. Assim ela caiu naquela água fria, levantando uma grande e ruidosa onda. O carro dos raptores já se afastava e não poderia ser pego, mas Sonia ainda conseguiu disparar um projétil especial que pegou no párachoque traseiro e ali penetrou.

Ainda estava pingando o grosso do encharcamento quando Liz apareceu e abriu-lhe uma das portas.

— *Venha, Sonia, rápida! Eu vi tudo... quase tudo... e já chamei a polícia.*

— Fez muito bem, Liz, obrigada.

Sonia entrou. O carro arrancou e prosseguiu:

— *Pelos meus chips... você se arriscou muito, Andrômeda. Assim você pode ser descoberta.*

— Ora, cale a boca — disse Sonia, irritada com o desfecho da cena.

O INSPETOR E OS PERFIS

Sonia penetrou no grande salão, onde dezenas de pessoas continuavam dançando ao som da "Noite no Monte Calvo", de Mussorgsky. Um homem gordo, de terno e distintivo de prata, veio ao seu encontro:

— Que foi que houve, Sonia?

— Uma das convidadas foi sequestrada e existe cumplicidade por parte da criada. Quatro homens da guarita deram fuga aos raptos.

— Como é? Isso é impossível, Sonia. Não pode ter acontecido uma coisa dessas!

— Não pode ter acontecido mas aconteceu, Oppenheimer. E aí, vai ficar de braços cruzados?

— Não, é claro que não. Qual é a pessoa raptada?

— Não conheço a vítima. Era uma garota de uns vinte anos, de saia curta, morena, foi levada por quatro homens num carro de tipo Boco-Moco, de cor marrom.

— Tem certeza que não foi só uma brincadeira, que ela não foi de livre vontade?

— Olhe aqui, inspetor. Eles a amarraram e amordaçaram. Sei que algumas pessoas gostam de brincar desse jeito, mas acho pouco provável que seja esse o caso. Além disso me atrapalharam, deixaram que eles fugissem!

Sonia contou tudo que vira acontecer e o inspetor entrou em ação. Chamou um dos seus auxiliares.

— Fernando, traga-me aqui a anfitriã, a dona Arlete Montenegro. Faça isso sem demora. E mande fechar as saídas, para que nenhum criado ou convidado se retire sem permissão.

Convoque quanta gente precisar, mas faça isso, está bem? — Muito bem, senhor. — Que pretende fazer? — indagou Sonia.

— Primeiramente, descobrir se alguma das convidadas realmente desapareceu. Depois... veremos.

— Aquela moça não queria ir com eles, estava apavorada. Meu Deus, eles podiam ter sido detidos! O que eles estarão fazendo com ela?

— Me diga uma coisa, Sonia: você realmente fez tudo aquilo, inclusive se jogar através do painel?

— É claro! Que mais podia fazer? Uma vida humana estava em perigo...

— Vou lhe dizer uma coisa. Não procure bancar a heroína. Esse não é o seu perfil. Você não é nenhuma Andrômeda. Podia ter-se machucado e seriamente. Podia ter sido sequestrada junto com a outra, e aí pediriam, sem dúvida, um resgate monstruoso... — Eu não pude me conter — respondeu Sonia, com frieza. — Está bem. Mas da próxima...

— O que foi que houve, inspetor?

Oppenheimer virou-se para Arlete Montenegro:

— Desculpe incomodá-la, minha senhora, mas houve uma denúncia...

Uma conviva parecia ter-se evaporado: Lita Vapabussi. Nem seus pais e nem seus irmãos, presentes na festa, sabiam do seu paradeiro. Na biblioteca, que Arlete fechara por precaução no dia da festa, Sonia esperava. Identificara no micro os quatro empregados que haviam tentado segurá-la: Vassili Rostropovisky, André Toledo Borges, José Capanema e Rudejard Comodoro Souza e Silva. Agora entravam lá os quatro, escoltados pelo inspetor e mais sete policiais, inclusive Fernando.

Sonia ergueu-se e caminhou em frente aos serviçais, olhando-os de frente, um por um. Com exceção do bigodudo Vassili, que conservava expressão cínica e arrogante, os homens estavam cabisbaixos.

— Reconheço todos vocês — disse ela, irada. — Vocês estão metidos nisso, seus patifes.

— Cuidado, senhora — disse Vassili, sorrindo descaradamente. — Somos ciosos de nossos direitos e exigiremos reparação na Justiça. — Reparação! Romperei com Arlete se ela não os demitir, isso para início de conversa. Não vou sossegar enquanto vocês não forem condenados à prisão. É tudo. Deu-lhes as costas e sentou-se novamente.

— Nós somos inocentes... — disse Capanema, timidamente.

— Não fale nada! — ralhou rispidamente o crimениano.

— Você é chefe dos outros? — indagou Sonia, com áscua no olhar.

Oppenheimer interveio:

— Deixe isso comigo, Sonia.

Agarrou Vassili pelo colarinho.

— Olhe aqui, seu rato. Por causa de vocês a filha de um grande cientista sumiu dessa propriedade, foi sequestrada. Isso pode ter repercussão internacional e já acabou com a festa, pois vou mandar interrompê-la e interrogar todos os presentes. Agora fale, desembuche! Porque vocês fizeram isso?

— Pare, inspetor! Não pode me agredir! Eu tenho os meus direitos humanos!

— Vá para o diabo que o carregue! Fale! Responda ao que eu perguntei!

Sacudiu Vassili energicamente.

— Inspetor, eu pensei que fosse maluquice. Ela estava histérica. Como é que nós podíamos levar a sério uma mulher histérica? — É mentira! — exclamou Sonia.

— Conheço Sonia há anos. Ela nada tem de histérica, não tem o perfil de histérica. Você está mentindo, malandro. Vocês deram fuga aos sequestradores!

Ouviram-se os protestos dos outros três. Então a porta se abriu e tornou a fechar: Arlete acabara de entrar.

— Inspetor, o que é isso? Como ousa pressionar meus empregados?

— Minha senhora, me desculpe, mas eu tenho um dever a cumprir. Estes quatro homens estão detidos para investigação.

— Mas eles não fizeram nada! Já me contaram o que houve... foi um mal-entendido!

— Antes de mais nada pedirei à senhora para encerrar a festa. Todos serão interrogados.

— O que? Isso é impossível. Jamais interrompi minhas festas e dou festas há vinte anos... — aqui ela hesitou e tossiu, incomodada por revelar que já tinha tanta idade.

— A polícia não tem tempo a perder e o assunto é da mais grave importância.

— Isso é um ultraje!

— O que? A senhora não percebe que uma de suas convivas foi sequestrada e pode estar correndo risco de vida? Fernando, vá lá fora e encerre a festa. Avise a todo o contingente e peça reforços. Arlete voltou-se para Sonia:

— Você me pagará por isso, Sonia. Não aceito ser humilhada publicamente desse jeito, sofrer a vergonha de interromper uma recepção minha, na minha mansão, um escândalo desses... Sonia olhou-a com os olhos bem abertos: — Estou ouvindo direito? — Sua intrometida, sua... —

Senhora! — protestou o inspetor.

— Arlete — voltou Sonia, com energia na voz. — Para você, uma vida humana de nada vale?

Então, é assim?

— Ora, vá...

— Retire-se, minha senhora! — ordenou o inspetor Oppenheimer.

— No devido tempo será interrogada.

A sugestão de que até ela pudesse ser submetida a interrogatório quase provocou um chique na dona da casa. Interrogada, ela? Mas isso só valia para os mortais comuns!

Ao se retirar, Sonia recomendou ao inspetor:

— Acredito que você levantará os antecedentes daqueles quatro.

— Sim, e os de toda a criadagem, pois se houve cumplicidade no sequestro, seria uma coincidência estranha que todos os cúmplices estivessem reunidos na sua frente. Deve haver mais alguém.

— Não esqueça que, pela escala do dia, Capanema não deveria estar ali e sim o Orlando Prado.

— Sim, o tal que foi mandado fazer outra coisa inesperadamente. Isso coloca o Valdo como altamente suspeito, já que ele é o encarregado e decidiu à revelia da Arlete.

— É. Faça o que puder, eu fiz a minha parte e preciso ir.

— Você merece um descanso. Agora eu vou examinar os dossiês da criadagem, quero saber o perfil de cada um deles... Sonia sorriu:

— E o Vassili, o que acha dele?

— O perfil dele é meio sinistro, de fato...

— Bem. Boa sorte, que você vai precisar.

Sonia afastou-se. Ainda falou com algumas pessoas retardatárias, como o Padre Oronte, que a parabenizou pela bravura. Mário e o Vulcano já tinham ido. O primeiro chegara a falar com Sonia e os policiais, levando matéria para o Pontual. Então quatro pessoas apareceram no jardim de estacionamento, antes que Sonia alcançasse Liz:

— Preciso falar com a senhora.

— É claro, Professor Bierce.

O cientista apresentou Creuza, sua esposa, e os filhos Gumerindo e Guido. Estavam todos constrangidos e Creuza chorava continuamente:

— Me conte o que viu, por favor! Como são esses homens que levaram minha filha?

— Eu só os vi de longe e usavam máscaras! Lamento muitíssimo, mas eu fiz o possível. O

inspetor Oppenheimer é um homem decente e fará o resto.

Enxugando as lágrimas, Creuza opinou:

— Eles são muito maus! Precisávamos que Andrômeda entrasse nessa história. Gregório... não haverá um meio de avisá-la? Dona Sonia... a senhora que é tão importante... não terá um meio de avisar a Andrômeda?

— Acredito que ela lê jornais e assiste holotevê — respondeu Sonia.

— Creuza, deixe disso — o professor estava irritado ou assustado. — Que pode fazer essa tal de Andrômeda? A polícia já está no caso.

— Vamos embora, papai — disse Guido. — Vamos esperar os acontecimentos.

Sonia, intrigada, tocou o braço de Creuza:

— Por que disse que eles são muito maus? Já os conhece? Sabe quem são?

Todos pareceram entrar em pânico. Bierce puxou a esposa e interrompeu a conversa:

— Ela não conhece ninguém. Só podemos achar que são maus. Por favor, nos dê licença!

O grupo se afastou e Sonia retornou a Liz, bastante circunspecta.

— *E aí, Andrômeda?*

— Estamos diante de um caso estranho e assustador, Liz. Algo me diz que dias difíceis virão.

— *Vamos para casa. Você precisa agir.*

Quando chegou em casa, Sonia falou rapidamente com os criados, preocupados com o noticiário, tranquilizou-os e se dirigiu, logo que pôde, aos seus aposentos particulares. Onde normalmente ninguém entrava, a não ser ela própria e os robôs-criados.

Sentou-se diante do computador e pôs-se a trabalhar no rastreamento do projétil-isca que lançara no carro dos sequestradores.

Sonia Maria Sagres fizera o possível naquele caso.

Agora era a vez de Andrômeda agir.

CIÚMES CIBERNÉTICOS

Na tela de seu Kempis 8434 uma bolinha vermelha começou a piscar. Andrômeda teclou o mapa local e a planta de Lorena foi se descortinando, atravessada pelas coordenadas cartesianas. A bolinha insistia em permanecer à margem, no canto direito superior. Com a direção Sonia foi seguindo a bolinha e descortinando o mapa para nordeste, até que afinal, já além da Sapucaia, o sinal pôde ser enquadrado. Andrômeda digitou em seguida o medidor de escala, diminuindo-a rapidamente até 1 km/10 cm, depois acionou o captador satelítico para forçar uma ampliação ainda maior. A escala diminuiu radicalmente e a planta foi sendo substituída por uma visão clandestina da cidade, a tal ponto que o sinal vermelho agora piscava sobre as cumeeiras de uma casa sombria e imensa, situada na periferia do Ipê Amarelo.

Mais do que isso Andrômeda não podia conseguir. Virou-se para Leiber:

— Traga-me as roupas.

— *Muito bem, Andrômeda. Precisarás de mim?*

— Sem dúvida, Leiber. E chame a Liz.

Nos minutos que se seguiram Andrômeda deu uma olhada na correspondência e nas notícias. Chamou sua atenção o desaparecimento, em Genebra, da Dra. Irene Wull, física ultranuclear. Outro cientista, o astrônomo e físico Prof. Coriano Bolaños, sumira no México.

Andrômeda teclou "missões".

"Selecione tudo o que houver de desaparecimento de cientistas ou parentes de cientistas nos últimos seis meses."

Tendo deixado Belle encarregada das pesquisas, Andrômeda começou a se trocar, colocando as roupas trazidas por Leiber. Um traje colante escuro, com botas sem salto, feitas com borracha especial; uma grande capa azul-escuro, da cor da noite; uma estranha máscara que lhe cobria os cabelos ruivos e ocultava a maior parte das suas feições, emoldurando os olhos azuis; e um cinturão com truques. Andrômeda usava ainda luvas pretas.

Seu traje era de mangas curtas. Ela não via razão para sentir calor e, na verdade, possuía até um regulador térmico. Liz veio vindo devagarinho.

— *Que bom que vamos nos divertir, Andrômeda!*

— Prepare-se porque não sabemos o que nos espera.

— *Não há problema, Andrômeda.*

— Isso é só retórica. Eu estou achando que os problemas serão muitos.

— *Leiber vai conosco dessa vez?*

— Vou levá-lo.

— *Eu não gosto de robôs e você sabe disso.*

— Oh, cale-se! Vamos agir!

— *Andrômeda* — disse Leiber, com sua voz de monstro das cavernas — *por que você não troca*

de carro?

— Cale a boca você também! Troquem suas identidades!

Só uma milionária como Sonia teria os recursos necessários para possuir um cambiador de identidade eletrônica para servos mecânicos, aparelho de uso proibido. Muita gente rica tinha dessas coisas, inclusive conjugues infieis.

Andrômeda instalou uma valise em Liz e os três partiram.

Um hábil jogo de hologramas na montanha evitava que a aparição de Liz na estrada chamasse atenção. Sonia, ou melhor, Andrômeda, agora dirigia em alta velocidade pela estrada da Serra da Mantiqueira, disposta a esclarecer logo o mistério.

— *Calma, Andrômeda. Você está muito tensa* — observou Liz.

— Talvez.

— *Você está tresnoitada e às vezes abusa desses anti-soníferos. O corpo humano tem limites que você não pode ignorar, mesmo sendo Andrômeda.*

— *São três horas da madrugada* — lembrou Leiber. — *A que horas você vai dormir? Depois dessa festa...*

— O que vocês querem? Que eu durma durante umas dez horas e cuide desse caso depois que a garota for estuprada e morta? Meu corpo vai ter que aguentar.

— *Lembre-se dos seus limites* — insistiu Liz. — *Em certas ocasiões você é temerária, você parece se julgar invulnerável e indestrutível. E você não é. Você pode ser morta.*

— Grande novidade — ironizou Andrômeda, pisando no acelerador.

— *Posso ligar o toca-fitas?* — perguntou Leiber. — *Quero ouvir um neo-rock...*

— NÃO! — disse Andrômeda.

— *Mas...*

— Cale a boca, sua lata! — Andrômeda parecia estar de mau humor. — Nós não estamos dando um passeio. O celular de Sonia tocou.

Andrômeda atendeu, e a tele-holo do carro mostrou Belle, a computadora:

— Mestre, já fiz a pesquisa.

— E aí, Belle?

— É impressionante. No sistema humano, quatorze desaparecimentos de cientistas. E parentes, cerca de vinte.

— Contando com essa última?

— Isso aí.

O olhar de Andrômeda endureceu.

— Não pode ser mera coincidência. Meus amigos, algo vem acontecendo há tempos sem que a gente perceba. Algo sinistro e hediondo. Seja o que for, é hora de dar um basta a isso. — Quem dará o basta, Andrômeda? Você? Você é uma pessoa só, e nem tem respaldo oficial.

— Com você me animando, será fácil — o sarcasmo de Andrômeda era cortante.

Seguiu-se um silêncio. Andrômeda concentrou-se na direção, naquela estrada escura e assustadora. A lua, porém, era cheia. — O lobisomem aparece na lua cheia — lembrou Leiber.

— Cale-se! — gritou Liz.

— Que foi, querida? Está com medo? — e o robô riu.

O carro passou velozmente pelas primeiras casas, ultrapassou uns poucos veículos e, em mais quinze minutos, chegou finalmente ao seu destino.

Capítulo 3

LÚPUS

Aquele bairro não era de todo urbanizado e as casas possuíam aspecto, se não luxuoso, as menos abastado. O Ipê Amarelo era uma região de chalés, de vivendas.

Andrômeda deixou Liz a alguma distância, com os faróis apagados, e caminhou com Leiber na escuridão da noite, sob a lua cheia e as constelações austrais, até aquela mansão soturna que parecia vagamente um pagode chinês. Uma profusão de cornijas, gárgulas, pilastras e sótãos configurava uma visão insólita. A casa dava diretamente para a rua em sua parede lateral esquerda e tinha luzes acesas em seu interior.

— Fique aqui embaixo. Você vai me dar cobertura.

— O que você vai fazer?

— Chegar à arquitrave e passar ao sótão...

— Acho que você fez mal em ler a biografia do Batman.

— Ora, vá... — Andrômeda conteve-se. Não gostava de falar palavrões.

Ela disparou a silenciosa batcorda que se grudou no tijolo da parede e depois, como uma dobadoura, graças à carrapeta da ponta, reenrolou-se, içando Sonia até lá em cima. Em seguida ela cortou o vitral do sótão com seu anel de diamante, produzindo um círculo suficiente para lhe dar passagem. Entrou e acionou o anel-lanterna. Surpreendeu-a de imediato a visão de uma mocinha, amarrada de pés e mãos numa cadeira e amordaçada, que a olhava com olhos aterrorizados. Estava com a mesma roupa que Andrômeda a vira pela primeira vez.

A mascarada aproximou-se dela e cochichou:

— Não grite, por favor. Eu sou Andrômeda e vim libertá-la.

Cortou rapidamente as cordas, removeu a mordança e friccionou pulsos e tornozelos da prisioneira, para estimular a circulação. — Muito obrigada, Andrômeda. Sei quem você é.

Porque a polícia a persegue, se você é boa?

— Talvez a resposta seja essa — explicou Andrômeda. — Você tem medo de altura?

— Por que pergunta isso?

— Porque eu vou descer você pela corda, Lita. Tenho um robô e um carro esperando por nós.

— Se é bastante seguro... eu não quero encarar Lúpus de novo.

— Lúpus? O mago?

— Você o conhece?

— É um inimigo... mas ainda não o confrontei diretamente. É um homem perigoso.

— Ele está atrás de tudo! Meu Deus, você nem imagina o que eles querem! Lúpus é tão cínico que se deu ao luxo de me contar tudo! Ou pelo menos muita coisa...

— Bem, e o que ele quer?

— Andrômeda, você já ouviu falar no *Necronomicon*?

— O que?

— O *Necronomicon*... o Livro dos Nomes Mortos... — Já, sim. Eu sei que livro é esse.

— Lúpus está manipulando esse livro. Ele quer abrir um portal dimensional num buraco negro, e é por isso que está seqüestrando cientistas.

— Mas para que ele quer fazer uma loucura dessas?

— Diz ele que abrirá a passagem para os Grandes Antigos... e que ele, Lúpus, por meio dos Grandes Antigos dominará o universo. Em suma, ele está louco!

"Louco... — disse Andrômeda — mas e se for verdade?"

— Além disso — prosseguiu Lita — ele se jacta de ter dado a vida a um exército de esqueletos. Não é coisa de louco furioso? O celular de Andrômeda tocou. Ela atendeu prontamente: era Leiber.

— Chegando gente, Andrômeda. Olhe pela janela, se ainda está no sótão.

— Quem é?

— Um casal idoso que chegou de táxi e com malas.

Cuidadosamente Sonia e Lita espiaram pelo vidro do sótão (o pedaço cortado fôra recolocado pela mascarada de modo que por fora a abertura não era visível).

— Papai e mamãe! — exclamou Lita, estupefata.

— O que eles vieram fazer aqui?

— Vieram se entregar... por mim.

Dois sujeitos receberam o casal, que foi sem demora introduzido.

Com lágrimas nos olhos Lita afastou-se do vitral e encarou a mascarada.

— Tenho que lhe pedir para ir embora, Andrômeda. Agradeço-lhe muito, só que agora eu não posso mais fugir.

— Está maluca, garota? Ainda não se cansou de ficar amarrada?

— Eu não me importo... você não compreende? Meus pais estão aqui, não posso abandoná-los!

— Esses homens... tocaram em você?

— Ah, não. Ninguém me estuprou, se é isso que você quer saber. Lúpus avisou seus capangas que não tocassem num fio do meu cabelo. Mas isso não é por ele ser bonzinho: é que ele quer o serviço do meu pai. Como ele disse, é preciso evitar que os cientistas fiquem revoltados. Se eu fosse estuprada não conseguiriam fazer papai trabalhar. E eles obedecem ao Lúpus, todos têm um medo atroz desse homem.

— Tudo bem, mas eu não posso deixá-la aqui. Lita estava cada vez mais aflita:

— Não posso ir com você, vá embora pelo amor de Deus!

— Você teme por seus pais? Eu irei lá embaixo, para libertá-los!

— Não! Está louca, Andrômeda! Você não pode enfrentar

Lúpus!

— E por que não?

— Ele é um mago negro... é poderoso... meu Deus, por que você está teimando? — desesperada, Lita bateu com os pés no chão. Andrômeda pensou depressa:

"Não posso esperar mais para agir. Os pais de Lita vão querer vê-la imediatamente. Vão subir aqui."

Andrômeda moveu-se na direção da escada. Lita correu, passou-lhe à frente e desceu celeremente.

— Peste! — desabafou Andrômeda. A danadinha poderia colocar tudo a perder.

Sem uma alternativa melhor Andrômeda desceu correndo a escada em caracol, ao encontro dos

inimigos. Viu-se numa plataforma entre dois lances de escada. A garota já alcançava o casal, que vinha escoltado por três homens e uma mulher. No salão encontrava-se também um homem de aparência marcante: alto, com cerca de dois metros, muito magro, esquelético mesmo, com cabelos engomados por gomalina e uma imensa capa roxa. Da posição em que se encontrava Andrômeda ainda não podia enxergar, mas o símbolo infernal do tridente estava pintado na capa do personagem. De relance ela também reparou na decoração sinistra do local. — Lúpus! — disse ela, estacando.

— Andrômeda! — o homem sorriu — Tornamos a nos encontrar, querida. Talvez possamos nos entender. Quem sabe você se une à nossa causa...

— Somos inimigos.

— Se você desse uma lida no Necronomicon, talvez entendesse a grandeza do que estamos fazendo... cuidando do futuro reinado dos Grandes Antigos...

Pela mente de Andrômeda passaram as notícias que ela tinha das perturbações mentais causadas pela simples leitura do Necronomicon. Mentes fracas facilmente cairiam presas dos ritos encantatórios ali contidos. Mesmo mentes poderosas não deviam brincar com aquilo.

— Dispenso, Lúpus. Quero que solte essas pessoas.

— Você não me desafiará, Andrômeda — Lúpus brandiu uma bengala com cabo em forma de caveira. — Sei que você é uma grande heroína, famosa no mundo inteiro. Mas comigo a coisa é outra. Eu sou um micromante, sou aquele que manipula as forças das trevas. — Manipula ou é manipulado, Lúpus?

O cientista se adiantou, sacudindo sua cabeleira.

— Basta, Andrômeda! Não quero que haja derramamento de sangue! Senhor... o senhor poderia libertar minha filha e minha esposa? Eu irei de boa vontade, deixe Andrômeda levá-las. A proposta foi atrapalhada por intervenções indignadas feitas pelas mulheres, que se abraçaram ao professor. Lúpus bateu com a bengala no chão.

— Todos serão libertados brevemente, na hora certa. Não tenho paciência para criar seres humanos. Quanto a você... não vou gastar minha magia com você. Usarei métodos mais primitivos.

Voltou-se para um dos auxiliares:

— Gordon, solte os dobermans.

— É pra já. Mestre.

O negro alto e vestido com a elegância de um "maitre d'hotel" apertou um controle remoto que tirou do bolso do fraque. Um painel na parede se abriu; Creuza Vapabussi gritou de quebrar taças de cristal e o Professor Vapabussi não ficou muito atrás. Lúpus e Gordon, porém, com ordens secas e rápidas direcionaram as feras negras para a escada. Eram dobermans mutantes, com dedos preênses. Podiam trepar em árvores como macacos.

Pela mente ágil de Andrômeda correu uma lembrança assustadora. Em certa casa de campo havia dois dobermans vigiando. Certa noite penetrou lá um ladrão, e jogou comida para os bichos. Só que um doberman treinado não aceita comida de estranhos. Pois bem: no dia seguinte foi preciso varrer o ladrão... Ela deu as costas e correu. Ao invés de retornar ao sótão, onde a passagem estava aberta, foi por um corredor e, chegando a uma porta velha de madeira, achou aberta a maçaneta e entrou, fechando a porta após si.

Resgatar prisioneiras recalcitrantes seria difícil, mas Sonia recusava-se a ir embora sem um

resultado melhor. Percebeu estar dentro de um quarto mágico, repleto de carrancas e bonecos de vodú. Sob uma caveira humana, mas feita de borracha, numa escrivaninha, avistou uma apostila estranhamente iluminada naquele ambiente de luz maravilha. Afastou a caveira e pegou o volume. Na capa estava escrito: "O Fator Caos". E o autor: Diógenes Horizontino Prisco. Lúpus.

Um ruído fez Andrômeda se voltar. Um dos cães já abrira a porta e, quase de pé, fitava Andrômeda com a língua babando. — Tome — disse Andrômeda, e jogou uma bomba de magnésio sobre o animal.

O clarão e a concussão fizeram a matilha recuar mas, incrivelmente, eles voltaram ao ataque. Andrômeda pulou no parapeito da janela e abriu-a com um pontapé de levantar defunto; encontrou-se num corredor maluco, quando julgava poder sair ao exterior. Havia várias mesas pentagonais de rituais cabalísticos. Sem nenhum respeito por aquelas coisas, Andrômeda pulou numa mesa alta, chutando objetos mágicos, tomou impulso e saltou com grande agilidade no candelabro de prata, agarrando-se a um de seus braços. Logo adiante havia uma clarabóia colorida.

Dois dos cachorros vieram e pularam sobre a mesa, numa latideira infernal, e tentaram alcançar Andrômeda que, segurando a apostila com a mão direita, apenas com a esquerda agarrava-se ao pingente, impulsionando um movimento pendular. Os cães, saltando no ar, quase morderam a sua capa. Andrômeda driblou-os e tomou maior impulso.

"Caramba! Isso está mais difícil do que eu pensei."

Finalmente Andrômeda alçou-se, arreventou a clarabóia com as botas e viu-se ao ar livre. Equilibrando-se precariamente pelas cornijas, considerou a façanha de ainda estar de posse do volume. E Lúpus de nada sabia! Puxou a bat-corda e pulou para a rua, caindo bem em frente a dois policiais Cosme-e-Damião em patrulha. Eles levaram o maior susto e esbarraram-se de tanta atropalhão.

— Que é isso, Joaquim? Quem é ela?

— É... é... é Andrômeda! — Que... que? Andrômeda?

— Não fica aí parado, Gerson! Pega ela! Pega ela!

— Ei, onde é que ela está?

— Lá! Lá!

Andrômeda, com efeito, não ficara esperando que eles se decidissem. Tão escorregadia quanto o Zorro, já se encontrava metros adiante, atrás de um poste de luz.

— Vamos pegá-la! Vamos pegá-la! — e os dois falavam ao mesmo tempo.

A "dupla dinâmica" resolveu correr para capturar Andrômeda. Nisso, porém, abriram-se os portões da mansão e lá vieram os dobermans em desabalada carreira...

Só que em vez de perseguirem a moça, correram atrás dos dois apatetados policiais...

Liz surgiu, com Leiber já em seu interior, e abriu a porta:

— *Vamos embora, Andrômeda! Depressa!*

DESÍGNIO NEGRO

Embora não lhe agradasse abandonar vítimas à própria sorte, qualquer coisa dizia a Andrômeda que o mais urgente era ler os segredos de Lúpus. E por outro lado, começava a sentir a necessidade de colaboradores humanos. Quando retornasse àquela mansão, já não encontraria mais nada por lá. E como então rastrear aqueles personagens? Liz pareceu ler os seus pensamentos:

— O carro dos sequestradores ainda deve estar com o seu chip rastreador.

— Provavelmente usarão outro carro...

— Há um Hírdonela lá dentro, e já com um besouro de rastreamento.

— Como diz, Liz?

— Eu mesma direcionei o chip pelo rastreamento radascópico até esse carro, que é também um carro inerte. Ninguém percebeu nada.

— Ora viva, Liz. Bom trabalho!

— É, parece que a Liz pensa... contra toda a evidência — observou Leiber, irônico.

— Cale a boca, sua lata de sardinha — disse Liz.

Everett, o velho mordomo, estava preocupado: — Perguntaram muito pela senhora.

— Você já direccionou tudo para a minha caixa postal? — Sim, mas...

— É muito tarde. Por que ainda está de pé, Everett?

— E a senhora?

Sonia sorriu.

— Estou com insônia. É isso aí. Entendi.

Sonia retornou à parte secreta de sua residência.

— Será que ele pensa que eu sou Dorian Gray?

— O que, Andrômeda? — era Belle.

— Eu creio que alimentei você com esse livro.

— Ah, claro! *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. O sujeito tinha estranhas ausências, ninguém sabia por onde ele andava...

— É, ele gostava do crisoberilo verde-oliva e do peridoto cor de pistácia...

— O quê?! — disse Leiber, abrindo a boca metálica.

— E também do cimofânio de faixas prateadas — completou Andrômeda.

— Humanos não deveriam ter memória fotográfica — sentenciou Belle.

— Eu não sei se ela é humana — disse Liz, intervindo na conversa.

— Bom. Chega. Belle, faça o duplo rastreamento. Eu vou examinar o livro.

— Boa leitura — zombou Belle.

Andrômeda sobraçou o volume e dirigiu-se a uma mesa comprida e com frisos aveludados. Puxou uma cadeira de espaldar elevado e assento verde e depôs a apostila diante de si. O robô Salk se aproximou.

— Andrômeda, por que você não tira essa máscara? Aqui é o seu esconderijo.

Andrômeda voltou para o robô um olhar gélido e carregado de áscua.

— Esqueça o que eu disse — falou Salk, afastando-se.

Andrômeda levantou a pasta e abriu-a. Folheou-a rapidamente, para calcular o seu tamanho. Então uma fotografia caiu do meio do volume. Intrigada, Sonia pegou a foto, que era vertical 14X9. Lá estava a fotografia de uma mulher loura, extremamente sensual, seminua e com víboras enroladas nos braços e tornozelos. Andrômeda deixou escapar uma exclamação abafada:

— A Serpente!

A mão esquerda de Andrômeda cerrou-se em punho, e os dedos da direita fecharam-se ao seu redor.

Leiber se aproximou:

— Que foi, Andrômeda?

— Fora! Vá ajudar Belle!

— Que gênio...

Andrômeda relanceou o olhar até o oratório da Sagrada Família, que ocupava um nicho na parede e estava sempre iluminado: "Precisarei de sua ajuda espiritual... mais do que nunca. Esse caso é difícilimo."

Pôs-se então a examinar o documento. Abriu a primeira página, e lá estava em letras góticas:

"Relatório de Lúpus, Mestre Arcano do 7º Grau Esotérico dos Antiguistas:

Proposta de abertura de Portal Dimensional em buraco negro, com simpatia para o universo dos Grandes Antigos.

Substituição do Cosmos pelo Caos no universo local."

"Isto — pensou Andrômeda — já diz tudo. Mas não será loucura de Lúpus? Como ele poderia conseguir algo desse jaez?" O texto referia-se claramente à necessidade de recrutar cientistas como colaboradores, afim de montar o aparelho que projetaria o grande Cubo Energético, por onde passariam os grandes Antigos na invasão do universo.

"Eles têm uma nave espacial disponível. Isso é óbvio."

Sonia pôs seus colaboradores a par do que estava ocorrendo. — E o que você fará, Andrômeda?

— indagou Leiber.

Andrômeda se ergueu. Sua figura alta, empinada, tinha majestade.

— Eu sei onde encontrar a Serpente.

Salk e Leiber se entreolharam incrédulos. A própria Belle chiou: — Andrômeda, não pode fazer isso. É muito perigoso.

— Grande. Vou me tornar inspetora escolar para pegar alunos fujões.

— Eu não quis dizer isso, Andrômeda, eu...

— Basta! Há coisas muito importantes em jogo. Minha vida não vale nada diante disso.

— A Serpente é capaz de coisas horripilantes — observou Leiber.

— Eu sei. E é por isso mesmo que eu tenho de detê-la.

ANDRÔMEDA ENFRENTA A SERPENTE

Andrômeda observou o sinistro edifício negro que se projetava como uma esguia torre para o céu estrelado. A Torre do Prazer, síntese das orgias humanas e poderoso foco de pecado, a irradiar seu veneno para a grande cidade. Como Sonia e como Andrômeda, a guerreira já tentara deter aquele câncer moral, mas um grande poder protegia a torre.

Felizmente, a automação completa da garagem permitia entrar sem maiores problemas. Subiram pela imensa rota encaracolada em volta da torre até o estacionamento na cobertura. Ao se aproximar do guarda-robô, este, notando a capa e a máscara da recém-chegada, observou:

— Deseja ir na ala de sadomasoquismo, senhora?

— Não. Vim falar com a Serpente.

— Seu nome, por favor.

— Andrômeda.

O robô teve um sobressalto e só então reconheceu a figura à sua frente.

— Você!

— Não tente nada. O livro dos planos de Lúpus está em meu poder e eu quero falar com a Serpente. Eu a quero aqui em cima. E nenhum dos seus amigos porá a mão em mim, porque eu tenho cobertura.

— Você é louca! Por favor, fique a distância... estão chegando verdadeiros fregueses... não os espante. Pedirei para chamar a Serpente.

— E diga a ela para não demorar.

O robô espiou seus dois semelhantes, que haviam saído de Liz e tudo observavam: Leiber e Salk.

— Vocês vão se arrepender – sentenciou.

Não tiveram que esperar muito. Logo apareceu uma mulher vestida de vermelho berrante, com calças e blusa colantes, parecendo uma roupa do inferno.

O coração de Sonia se acelerou. Sabia que estava diante de uma mulher perigosíssima.

— O que você quer? Sabe que eu posso chamar a polícia.

— Você não gosta de polícia em seu estabelecimento — respondeu Sonia. — Então fale. Que negócio é esse de livro?

— Eu quero os reféns. Devolva os reféns e abandone os seus planos. E diga o mesmo a Lúpus.

— E em troca o que você fará?

— Devolverei o livro.

— Ora, não me faça rir! Você certamente já reproduziu uns cem exemplares.

— Isso no mínimo — respondeu Andrômeda cinicamente.

— Mas não se preocupe: deixarei o original com vocês.

- Não pode levar esse livro à polícia. Você é uma fora-da-lei e eles a prenderão.
- Talvez eu prefira ser presa a deixar que o mundo se perca.
- Está blefando! Ninguém ama a liberdade mais que você! Pois bem... não vejo como possamos fazer negócio.
- Então, em que ficamos?
- Vá embora daqui! Não tenho nada a tratar com você!
- Talvez eu faça você falar — disse Andrômeda, com decisão.
- Não se atreva a tocar em mim!
- Por que não? Há coisas mais importantes em jogo que a integridade da sua pele.
- Quer que a afastemos, Luana? — disse um homem de uniforme.
- Não! Afaste as pessoas... os fregueses... eu cuido dela.

Robôs e capangas da Serpente correram a direcionar os fregueses para outra entrada. Luana voltou-se para enfrentar Sonia:

- Pela última vez, vá embora daqui! Não quero escândalos no meu estabelecimento!
- Seu estabelecimento é o supra-sumo do escândalo. Agora, Serpente, eu estou falando sério. Você vai entregar os reféns, ou vai se arrepender. Não estou para brincadeiras.
- Pois eu estou. Vamos brincar um pouco!

Luana deu um sacudidão com os braços e umas bolinhas prateadas apareceram em sua mão. Ela jogou-as ao chão, nos lados de Sonia, e houve uma dupla explosão de magnésio. Andrômeda recuou, incólume... mas viu-se cercada por quatro víboras de fogo, que surgiram do clarão. Víboras de cabeça larga e achatada, como as cobras encantadas dos faquires.

- Vamos ver se você enfrenta isso — zombou a Serpente.
- Demônio... — murmurou Andrômeda, apossada pelas víboras. Nesse momento, porém, ouviu-se o ruído de um carro em disparada; Liz apareceu por trás de Andrômeda, abriu o seu reservatório e despejou duzentos litros de água sobre as cobras fantásticas, apagando-as de imediato, e eventualmente encharcando Sonia.

Andrômeda pulou sobre a outra:

- Vamos ver o que você vale sem a magia, Luana.

A Serpente correu, até esbarrar com o corrimão do alto da escada. Virou-se e tentou se defender, mas Andrômeda acertou-a com um golpe só, jogando-a no ar, por sobre o corrimão, fazendo-a cair no piso inferior. Nesse momento os guarda-costas de Luana tentaram disparar sobre Andrômeda mas Leiber e Salk, atentos, dispararam suas armas de laser, com pontarias certas. Vários capangas foram assim desarmados. Andrômeda ia descer mas a Serpente clicou um controle remoto e algo estranho começou a acontecer.

O imenso painel de laca no final de um corredor-avenida, bem em frente à escada, começou a deslizar. Apareceu então qualquer coisa que desafiava a razão e ameaçava a sanidade. Apesar da distância de uns 50 metros, Sonia reconheceu as figuras, que agora se moviam para a frente, em passos barulhentos e mal articulados. A Serpente subiu correndo a escada, com uma expressão de insânia no olhar, enquanto Andrômeda recuava, horrorizada.

- Liz! Venha cá!

Luana gargalhava e apontou para as criaturas que se avizinham.

- Eis o terror, Andrômeda! Eis o pior dos seus pesadelos! Ao desafiar os Grandes Antigos, você se expôs à vingança das trevas! Você contra o Mundo Oculto! Que irrisão!

Com os olhos arregalados, Andrômeda observou as monstruosas criaturas que se aproximavam, com seus ruidosos artelhos martelando o mármore de Carrara. Esqueletos vivos. Então era verdade: os rituais cabalísticos do Necronomicon possuíam realmente a capacidade de vivificar seres inanimados e escravizá-los ao Mal, como se dizia que Medéia fizera com a Âncora dos Argonautas.

— Entre aqui, Andrômeda! Depressa!

Andrômeda e os robôs entraram em Liz, porém os sicários de Luana já haviam bloqueado a rampa com porteiros de aço inoxidável.

— Só tem um jeito — disse Liz — Segurem-se firmes!

Liz levantou vôo e arremeteu contra a janela panorâmica, arrebatando espalhafatosamente o vidro normalmente inquebrável. Tomando a direção, Andrômeda ganhou alguma distância e posicionou o carro no ar, a quina apontando a Torre do Prazer:

— Liz, prepare os morteiros!

— O que você vai fazer?

— Não pode fazer isso! — gritou Leiber. — Até esse calhambeque é contra...

— Safado! — gritou Liz.

— Andrômeda, — disse Salk — não faça loucuras! Isso a gente não pode fazer!

— Cale a boca! Você e Leiber: fiquem onde estão! ORDENO que não interfiram!

As leis da Robótica, implantadas naqueles cérebros positrônicos, eram fortes demais para que eles pudessem se rebelar contra uma ordem taxativa de Andrômeda. Leiber pôde apenas ponderar:

— Você vai nos meter em sérias encrencas!

— Eu não posso... não é *decente*... deixar aquelas coisas soltas no mundo. Não posso!

Andrômeda acionou a centralização do alvo e os morteiros de aniquilite partiram: um, dois, três, quatro.

A estrutura do alto da torre foi profundamente abalada. A Torre do Prazer começou a se desmilinguir, a implodir e dar de si como um castelo de cartas. O desastre foi tremendo: cornijas, blocos de concreto armado, sacadas, antenas, gárgulas, assoalhos, tudo foi se desmontando e caindo, numa chuva de fragmentos e calça, provocando uma nuvem de pó. Um grande dirigível-observatório da imprensa, flutuando nas proximidades, achegou-se a documentar a impressionante ruína da monumental Torre do Prazer.

A ALIANÇA SAGRADA

Os jornais de domingo vinham repletos de manchetes garrafais sobre os trágicos acontecimentos da véspera. Chovia torrencialmente e Andrômeda, fechada em seus aposentos secretos, recusava-se a atender a criadação apesar dos apelos para resolver alguns problemas domésticos. Ela já olhava alguns jornais que assinava (os jornais de papel sobreviviam apenas em assinatura) e os diários da Cosmonet. As manchetes de Lorena concentravam-se num único acontecimento:

"ÂNDRÔMEDA DESTRÓI A TORRE DO PRAZER"

"ATENTADO EM LORENA. FORA-DA-LEI MASCARADA ATACA E DESTRÓI PALÁCIO DO SEXO"

"MORTE E DESTRUIÇÃO EM CAMACHO. A SERPENTE ESCAPA"

"PREFEITO PEDE INTERVENÇÃO FEDERAL. ANDRÔMEDA SERÁ CAÇADA"

"PRESIDENTE MANGABA DECLARA GUERRA A ANDRÔMEDA. ELA SERÁ PUNIDA"

"ESQUELETOS CARCOMIDOS PELAS CHAMAS NAS RUÍNAS DA TORRE DO PRAZER"

"FÚRIA MORALISTA DESTRÓI A TORRE DA SERPENTE. ESCALADA FASCISTA NO BRASIL?"

No Pontual, que Sonia recebia em papel, uma manchete um tanto diferente:

"UMA PERGUNTA NECESSÁRIA: POR QUÊ?"

E os subtítulos:

"O QUE LEVOU ANDRÔMEDA A FAZER ISSO?"

"O PREFEITO TAURUS JURA VINGANÇA"

"LUANA POMERANIA AMEAÇA PROCESSAR A PREFEITURA POR NÃO LHE DAR PROTEÇÃO"

Para Sonia, o dedo de Mário estava ali. Ao questionar os seus motivos, Mário acenava a possibilidade de uma justificativa. Andrômeda foi se servindo das torradas com manteiga de Petrópolis, dos brioques, dos cubos de queijo provolone, do suco de camu-camu, do

ovomaltine e da omelete. Ela apreciava tomar um desjejum caprichado, pois suas constantes ocupações tornavam incertas suas outras refeições.

Leiber, sentado numa cadeira de bronze, observou:

— Sabe que eu tenho inveja de você, Andrômeda? Quando eu a vejo comer com tanto gosto... queria muito conhecer esse tipo de prazer, saber o que é o sentido da gustação...

— Você teria que ter papilas gustativas, Leiber. E para isso precisaria de uma língua. Mas você não tem estômago e nem aparelho digestivo, e nem precisa disso. Aconselho-o a se conformar com a sua sorte e natureza.

E Andrômeda cortou uma fatia de bolo de fubá.

— Você ontem foi longe demais. E se nos descobrirem?

— O meu aparelho de hologramas alternativos e de deflexão radascópica é tão aperfeiçoado que torna impossível o rastreamento de Liz. Porque a verdade é essa: Liz é a última palavra em tecnologia de ponta para veículos ecléticos: ela é carro, avião, barco e nave espacial e pode repelir qualquer onda rastreadora. Portanto, ninguém pôde nos seguir.

— A próxima vez que Liz for avistada, será simplesmente bombardeada — observou Salk — E nós não avançamos em nossa missão. Os seqüestrados continuam seqüestrados.

Sonia molhou uma torrada no ovomaltine e refletiu:

"Não posso continuar com isso sozinha... ou só com máquinas. Por mais que eu deteste admitir... preciso de ajuda."

O Padre Cristiano Oronte, subindo com seu maciço corpo a escadaria de pedra, ia dizendo a Salustiano:

— Pois é. O Ofício Divino, como eu dizia, é importante porque nos lembra diariamente o dever de louvar a Deus e agradecer as suas graças. É um ótimo lenitivo para os corações cansados das ingratidões humanas e um meio de manter o espírito elevado, fora do alcance das tentações que nos cercam.

— E não é só isso, padre. Quando entoado em coro e nesse milenar gregoriano... é divino mesmo. É de uma beleza sem par...

— É por isso que a Igreja Católica sobrevive, Salustiano. Nela se encontra uma verdade que cala fundo... penetra na alma. Eles se separaram e o Padre Oronte seguiu para o seu quarto. Entrou e acendeu a luz.

Uma figura de preto e mascarada aguardava-o numa poltrona. — Bem-vindo, Padre Oronte. Ainda bem que o senhor dorme cedo.

— Andrômeda!

— Preciso falar com o senhor... com a maior urgência. — Como você entrou aqui?

— Padre, eu tenho os meus segredos e os meus macetes... por favor, não dê importância a esses detalhes. Preciso conversar com o senhor e é coisa importante e urgente. — Você está sendo procurada pela polícia.

— Eu sempre fui procurada, e até aqui o senhor tem sido meu amigo.

— Mas agora a própria Cosmopol irá caçá-la. Ela sorriu.

— Américo Mangaba já me declarou a Inimiga Pública no. 1. Isso porque eu destruí a Torre do Prazer. E apesar de toda a corrupção que há no Congresso, na mídia, no empresariado e no governo...

— Entendo o que você quer dizer, mas isso não justifica o seu ato. Pessoas inocentes morreram. Você derramou sangue, fez justiça com as próprias mãos.

— Padre, eu lhe imploro: sente-se para nós conversarmos. Eu lhe contarei o que está acontecendo, e porque eu fiz o que fiz. Eu preciso da sua ajuda.

— Para que, Andrômeda? Para escapar da Justiça?

— Não, Padre. Para proteger a Humanidade.

— Como pode ser isso? Você me contará tudo?

— Sim, Padre Oronte. Eu contarei tudo... em confissão.

— Em confissão! Percebo! Para que eu não conte a ninguém!...

— Não pode recusar a me atender em confissão, Padre Oronte.

— Está bem. Vamos em frente.

Andrômeda fitou o belo quadro a óleo na parede, "Taba dos Guaicurus", por Leonardo Estrela, pintor do século XXIII. Sentado em sua melhor poltrona, as mãos espalmadas — dedos contra dedos, pelas pontas — uma na outra, o clérigo refletia em voz alta:

— Tudo o que você me contou é estranho... é incrível...

— Eu lhe contei a verdade e lhe apresentei provas.

— Sim, até o filme que o seu carro fez dos esqueletos móveis, mas pode ser uma hábil trucagem.

— Não é trucagem, padre. Não crê mais em mim? O senhor me deu a absolvição, logo aceitou a minha confissão.

— Você conhece muito da religião católica...

— Mas eu sou católica e sempre fui — ela se voltou para ele, o lindo rosto sem máscara, e com a expressão imensamente suavizada em comparação com as cenas anteriores. — Já sabe quem sou eu. Deve se lembrar que eu já era sua amiga... como Sonia e como Andrômeda. Eu não sou uma criminosa. Eu sou Robin Hood, e preciso de um Frei Tuck.

— E quem será João Pequeno?

— O vulcaniano, é claro. Já lhe disse que preciso do vulcano e do repórter.

— Eles deverão saber quem você é?

— Não há necessidade disso. Basta o senhor. Eu estou protegida por mais de dois mil anos de sigilo confessional. Para um sacerdote como o senhor, é impossível quebrar o segredo do confessional. Da sua boca ninguém saberá que Sonia Maria Sagres e Andrômeda são a mesma pessoa.

— E o que você acha que eu poderei fazer para ajudá-la?

— Nós teremos que agir no plano espiritual e no plano científico. Glikus pode tratar dessa última parte. Agora como impedir que Lúpus utilize os rituais sacrílegos do *Necronomicon* para puxar os Antigos de volta ao nosso universo?

O sacerdote, sentindo a garganta irritada, abriu uma gaveta de sua mesa de cabeceira, pegou uma latinha, abriu-a e pegou uma pastilha de menta. Ofereceu a Andrômeda, mas esta recusou:

— Obrigada, mas detesto isso.

— Bem... esse assunto envolve a manipulação de energia. Acreditamos que a energia das estrelas, que praticamente sustenta o universo, é extremamente econômica. No interior de nosso sol, por exemplo, a vinte milhões de graus centígrados, os núcleos de átomos de hidrogênio penetram nos núcleos de carbônio, mudando-o para nitrogênio sobrecarregado. Por estar quimicamente sobrecarregado esse átomo de nitrogênio emite um elétron e passa a ser um isótopo pesado de carbônio, de símbolo atômico ${}^{13}\text{C}$. Após várias outras transformações, que podem levar milhares de anos, volta-se à forma original de carbônio ${}^{12}\text{C}$, com o desmembramento de um núcleo de hélio, fórmula 2He . Como vê, a fonte de energia das estrelas é algo incrivelmente simples e de fácil compreensão.

Andrômeda não fez comentários. O Padre prosseguiu:

— Num buraco negro, porém, atua um outro tipo de força, uma singularidade, onde as leis habituais parecem falhar. Tudo indica tratar-se de um colapsar, embora seja estranho que esse mencionado ciclo do carbônio ou carbono possa chegar a um fim, ao esgotamento. Mas, desde o momento em que se forma um horizonte de eventos, pode estar certa de que agora estamos diante de um dos mais trevosos enigmas do universo: o abismo negro. Seria como um ralo no espaço. Uma voragem, um *maellstrom* espacial, que atrai tudo, e do qual nem a luz pode escapar... agora imagine uma inversão desse efeito... imagine todo o caos do outro lado nos invadindo.

— Padre... não poderemos especular muito. Os escritos de Lúpus falam de seres horrendos como Tsthoggua, Yog-Sothot e Cthulhu... eu não quero saber dessas coisas em nosso universo.

— E como você poderá impedir?

— Se não puder deter Lúpus aqui na Terra... vamos até lá. Reúna Glikus e Mário Vicunha, que eu os quero na equipe. E agora eu vou ter que ir. Não devo sumir por muito tempo.

— Diga, Sonia... como é que os seus empregados não fazem relações... não descubrem que você é Andrômeda?

— Eu os selecionei com rigorosos testes de inteligência, padre.

— E mesmo assim...

— Eu escolhi os mais idiotas.

Esquecendo-se da sua austeridade sacerdotal, Oronte riu às gargalhadas.

A AMEAÇA CÓSMICA

— Você é uma idiota!

— Cuidado, Lúpus. Não me irrite! Já basta o prejuízo que essa mulher me deu. Todos os anos e todo o dinheiro que eu empenhei...

— Naquela sua diversão? É indigno de uma antiquista dar tanto valor assim a um super-lupanar. Há coisas mais importantes que a Torre do Prazer. Quando o universo voltar ao domínio dos Grandes Antigos... como é certo...

— Você e eu seremos gloriosos, eu sei. Mas e Andrômeda? Vai ficar impune pelo desaforo que me fez? Eu quero me vingar dela agora, não quero esperar!

— Você provocou o que ela fez. Quem a mandou liberar os esqueletos? Todos perdidos... ainda bem que eu tenho outros. Você não podia ter enfrentado aquela mulher de outro modo? Podia até ter chamado a polícia!

— Fiquei extremamente encolerizada com aquela petulância. — Andrômeda é a pessoa mais petulante do mundo e você já devia saber disso. Não lhe cabia revelar a ela a nossa arma secreta, Serpente. Dizem que as serpentes são prudentes.

Assim dizendo, Lúpus encheu um copo com água de coco e pôs-se a sorrir. Luana fez uma cara de nojo.

— Argh. Não sei o que você acha nessa porcaria.

— Tem muito valor alimentício — disse Lúpus, refestelado numa poltrona.

— Tem sódio, potássio, cálcio, fósforo, carboidratos, ferro, vitamina C, calorias, lipídeos, proteínas, e não tem colesterol. Isso é muito importante.

— Sinto-me ilustrada — ironizou ela, tirando uma garrafa de uísque do bar e servindo-se.

— Você acha que ela conseguirá escapar à caçada?

— Se depender de Oppenheimer, escapa. Esse sujeito é muito burro. Mas a Cosmopol está atrás dela dessa vez. Bem, vamos torcer. Pouparão o nosso trabalho.

— Lúpus, quando partimos para o espaço cósmico? As coisas por aqui estão muito quentes e essa mulher é muito perigosa. Ela não hesita em matar e eu escapei por pouco.

Lúpus assumiu uma expressão colérica. Seu pomo-de-Adão subiu e desceu e, arfando, o bruxo destilou o seu rancor:

— Você não parece ser uma antiquista e, menos ainda, uma feiticeira! Como pode ter medo de uma mortal comum?

— Como você pode classificar Andrômeda de mortal comum?

— Está bem. Ela não é comum, mas também não possui poderes e não é páreo para nós.

— Andrômeda pode não possuir poderes, mas age como se isso não fizesse diferença. Ela não tem medo de nada. Não a subestime, Lúpus. Veja o prejuízo que ela me deu.

— Não se preocupe. Eu mesmo a matarei, quando tiver oportunidade. Mas eu creio que isso não será necessário. Brevemente o mundo será governado pelo Negaverso. O retorno dos Grandes

Antigos é uma questão de tempo. Quando o portão dimensional for aberto nada poderá contê-los.
— E quando nós iremos, Mestre Lúpus?
— Em um mês, Luana... até lá, vamos nos divertir. Cama e bebida. Esqueça Andrômeda, ela não nos localizará e quando estivermos no abismo negro de Canopus... que poderá ela fazer?
Enfrentar os seres do Caos?

Veio então um Domingo tempestuoso em que a cidade de Lorena viu-se em palpos de aranha com enchentes e desabamentos. Não obstante, apesar do furor dos ventos e do estribilho dos trovões, o Padre Oronte recebia visitantes em sua biblioteca. Glikus Sipke e Mário Vicunha lá estavam, intrigados. Haviam chegado com pouco intervalo um do outro. Oronte viera de uma missa pouco concorrida, por causa da chuva, e parecia pouco à vontade.

Recusando polidamente qualquer bebida, o homem de Vulcano disse:

— Sei que o senhor me chamou por uma razão extraordinária, padre. Está escrito em seu rosto.

— Mas ainda não posso lhe dizer, aguardo o homem do Pontual, Mário Vicunha.

— A última vez em que eu o vi foi naquela festa da Arlete... o senhor e a Sonia Sagres também estavam.

— Sim, e foi quando raptaram aquela moça...

— Ninguém mais soube dela, e os pais também sumiram. É sobre isso que quer me falar?

O padre dera as costas a Glikus e, ignorando a pergunta intuitiva, retirou um grosso volume de uma estante, cujo título dizia: "O Livro das Tranquibérnias".

— Veja, Glikus. Eu tenho vários dos seus livros. Esse, sobre a história das maracutaias, é delicioso.

Glikus sorriu:

— Não me chamou para falar dos meus livros, padre. O que tem em mente? Sei que é algo de gravíssimo, e está me preocupando. — Você sabe demais, Glikus. Bem, na verdade... O caseiro Erasmo veio avisar:

— Padre Oronte, o senhor Mário Vicunha chegou.

— Muito bem, Erasmo. Mande-o entrar, por favor.

Mário entrou com seu passo rápido, retirou o boné em sinal de respeito e cumprimentou os presentes.

— Que surpresa encontrá-lo, Glikus! Desde a festa...

O rosto de gnomo desenvolvido de Glikus, contrastando com a fisionomia de *nerd* de Mário, desenhou-se num sorriso sardônico e enigmático:

— Também é uma surpresa para mim, Mário. Me pergunto qual será a sua utilidade...

— Como assim? É verdade que eu mesmo me pergunto isso muitas vezes, em meus momentos mais íntimos.

— Vamos renuir por favor as discussões supérfluas — disse o padre, que gostava de falar difícil.

— Sentem-se, por favor, que hoje eu estou deixando de rezar as horas canônicas para poder atendê-los e jantar com vocês mais tarde. Só que eu não posso perder tempo.

— Pois bem — disse Mário.

Sentou-se numa poltrona de couro plástico e Glikus em outra, a seu lado.

O Padre Oronte voltou-se para um cortinado de cetim que cerrava um aposento contíguo.
— Pode entrar.

As cortinas se abriram e apareceu a figura majestosa e impressionante de Andrômada, a Paladina de Máscara, como a imprensa costumava chamá-la.

Glikus e Mário ergueram-se espantadíssimos.

— Você! — disse Mário, aproximando-se da mascarada. — Não se arrisca vindo aqui? A mídia só fala na sua caçada...

Andrômada pôs as mãos nos ombros de Mário:

— Meu amigo, há no momento algo pior para ter medo.

Beijaram-se; Andrômada cumprimentou Glikus da mesma forma e dirigiu-se ao clérigo:

— Se o senhor não se importa, eu falarei.

— OK — disse Oronte, sentando-se. — Esteja à vontade.

Glikus observou: — Eu sabia que a coisa era grande, padre.

— É — disse Andrômada. — Você sempre sabe. Queria ter o seu poder, Glikus.

— Você nada tem a invejar das outras pessoas — respondeu ele em tom hermético.

— Você é a Guerreira da Luz e está investida de uma missão que só você tem a capacidade de levar a bom termo.

— Por favor, não exalte o meu ego. Eu sou mortal como qualquer pessoa e posso ser derrotada.

É por isso que reuni vocês: preciso de ajuda, que o caso é muito sério e envolve a salvação de nós todos.

Andrômada retirou um aparelhinho de sua capa, um projetor de absorção lumínica; acionou-o para reduzir a iluminação ambiental e fez aparecer uma tela numa das paredes. Pôs-se então a traçar esquemas com seu lápis-laser e a projetar fotogramas: — Com as facilidades secretas que eu possuo, consegui levantar alguma coisa sobre as atividades de Lúpus e suas propriedades.

Agora, por exemplo, vocês vêem duas espaçonaves com seus esquemas. Lúpus é o proprietário-fantasma delas: um iate e um hotel.

"Para que ele quier um hotel espacial sem explorar o negócio? Deduzo que seja para conduzir os cientistas em seu poder até o buraco negro, onde será aberto o portal dimensional do universo do caos."

— Eles terão poder para tanto? — indagou Mário.

— Luana irá, decerto, conjurar a Grande Salamandra e Lúpus é, na atualidade, o Manipulador do Necronomicon, o que o coloca na posição de grão-sacerdote dos Antiguistas. Possam ou não, nós temos que impedi-los de levar isso adiante.

O vulcano, cruzando os dedos diante do peito, indagou judiciosamente:

— E os seus bichos, Andrômada? Você localizou os veículos dos Antiguistas?

— Ah, sim. Infelizmente as naves espaciais já partiram do astroporto de Olímpia, onde estavam hospedados. Não foi possível verificar o seu destino.

— Mas como você deixou escapar...

— Porque, Glikus, o governo não ajudou em nada.

— Então como vamos fazer? Se eles já estão a caminho... e ninguém sabe...

— Aí é que você se engana. A nave-hotel desceu no Pantanal, pois não teria sido possível introduzir os prisioneiros no astroporto. Nós iremos segui-la antes que desapareça no espaço.

Vocês têm seis horas para cuidarem do que tiverem de cuidar e eu virei buscá-los aqui.

Mário deixou cair uma taça de vinho, que derramou no tapete.

— O que, Andrômeda? Vai depressa demais. Para que nos quer?

Ela sorriu um dos seus raros sorrisos.

— O Padre Oronte é necessário para esconjurar o portal dimensional mediante um exorcismo.

Glikus comandará a minha nave e executará as manobras que serão necessárias, conforme eu vou explicar. Os robôs que me acompanham são excelentes soldados. Liz será a nave auxiliar.

Quanto a você, Mário, irá documentar o que poderá ser a maior reportagem do século.

— Não estou nem pensando nisso...

— Uma pergunta, Guerreira da Luz — disse Glikus, repentinamente. — Conheço os poderes assombrosos de Lúpus e sei das forças tenebrosas relacionadas com o Necronomicon. Como é que você poderá enfrentar esse personagem? Você deve ter alguma idéia do que irá fazer.

— Sim, Glikus, eu possuo um trunfo. Mas só o revelarei no espaço. Mas... Guerreira da Luz? Eu sou isso?

— Você é — confirmou o vulcaniano.

O INSPETOR VISITA SONIA

Ao retornar diante de Belle, Sonia soube pelos sensores termobiológicos da presença de mais duas pessoas em sua casa. Acionou o circuito interno e identificou-os:

— Oppenheimer e Fernando! Que estarão fazendo aqui?

— Talvez — observou Salk — eles queiram conhecer os seus aposentos secretos.

— Ele não pode estar desconfiado de nada. De qualquer forma fiquem de sobreaviso. Eu vou lá falar com eles.

Quando retornou aos seus aposentos normais, Sonia foi informada por Gislaïne da presença do Inspetor Oppenheimer, na biblioteca. Quando lá chegou viu Fernando sentado, fumando um charuto Havana, e Oppenheimer examinando um grosso volume.

— Oi, amigos! – saudou, com a expressão mais despreocupada de que era capaz. — Que está lendo, inspetor?

Oppenheimer cumprimentou-a e passou-lhe o livro. Sonia leu o título:

— "*Caça aos vampiros*", por Gabriel Índico. Um grande clássico do horror, do século XXVI.

— Gosta de ler essas coisas, Sonia? Você tem fileiras e mais fileiras de livros de terror e assuntos sinistros.

— São mais para rir... acredita em vampiros, inspetor?

— Francamente, não. Eu não creio em nada, só em Deus.

— Eu também creio em Deus. Mas o mal existe, inspetor, o mal em estado puro. Por isso o Pai Nosso diz: "livrai-nos do mal". Mas sente-se, por favor. Você certamente não veio aqui discutir teologia.

— Não, certamente.

Ele sentou ao lado de Fernando. Sonia indagou:

— Querem um lanche?

— Não, obrigado. Gislaïne já nos serviu um café com torradas, ela foi muito gentil.

— Sem dúvida – acrescentou Fernando, que era bem mais jovem que o inspetor. — Eu até pedi o telefone dela.

Sonia sentou-se numa poltrona em frente ao sofá escolhido pelos visitantes.

— Como ficou o caso do seqüestro?

— Muitas teorias e poucos fatos.

— Teorias, Felipe?

— Sim, teorias... o próprio Everett me veio com uma: que tudo isso é um projeto secreto dos Governos Unidos, que ninguém foi seqüestrado...

— Deixe ele comigo. E os camaradas?

— Graças ao detector estroboscópico, obtive a confissão de dois deles... além disso entrou dinheiro alto nas contas do Vassili e dos demais. O Comodoro Souza escancarou tudo: foram de fato peitados, comprados para fazer vista grossa ao seqüestro. Mas o cara que os peitou... um tal de Tito Leandro... está com jeito de nome falso, pois não achamos a menor pista...

— Mesmo? Ninguém da polícia o conhece?

— Não, e os sujeitos alegam que também não sabem direito quem é. Só sabem que foram cooptados...

— Vão ficar presos, não é?

— É lógico!

— E diga uma coisa: de onde o Everett tirou essa idéia de projeto secreto? Que tem isso a ver com a filha de um cientista? — Ah! Mas eu contei a ele que ocorreram pelo mundo muitos seqüestros de cientistas e seus parentes. E depois disso os pais de Lita sumiram também. Você não soube?

— Não, inspetor... não tenho tido tempo de olhar as notícias...

— O que você anda fazendo, que nem os seus criados a vêem? Sonia sorriu.

— Não tenho muita intimidade com os meus empregados. E para que? São muito limitados para o meu gosto. Se eu conversar com eles sobre a fisiologia do velociraptor, por exemplo, ficarão me olhando com cara de tacho.

— É um assunto tão interessante... — zombou Fernando.

— Mas eles dizem que você nem pára em casa — observou o inspetor, sem ligar para a interrupção.

— Eu estou namorando.

— Verdade? Até que enfim, Sonia... dou-lhe os parabéns, afinal você é humana! Não, eu não vou perguntar quem é o felizardo. Na hora certa o mundo saberá. Agora, mudando de assunto, eu estou quase certo de que Andrômeda tem algo a ver com essa história. — Por que você acha isso?

— Você não viu o que aconteceu na semana passada?

— Sim, mas o que a Torre do Prazer pode ter a ver...

— É muito estranho. Muito em cima. Está havendo uma guerra secreta... e Luana Pomerânia é uma figura controversa, problemática...

— Quem você acha que é Andrômeda, Oppenheimer?

— Depois de muito refletir, cheguei à conclusão de que deve ser uma mulher rica e que mora em Lorena.

— Sim? E tem alguma hipótese sobre a sua identidade?

— Acredito que seja Arlete Montenegro.

Sonia jogou o rosto para trás, rindo com gosto.

— Felipe, por favor! Não seja mais burro do que você já é! A Arlete não pode ser!

— E por que não? Você já se esqueceu da teoria dos perfis?

— Ah, sim! Você pegou essa mania depois que leu Cazzamatta... mas você acha que o perfil dela...

— Ela é por demais afetada e artificial. Parece a toda hora estar representando um papel. Além disso ela ficou o tempo todo procurando livrar a barra daqueles bonecos. Ela tem perfil misterioso.

— É, eu achei estranho também... mas daí a achar...

— Se for ela, eu descobrirei. Agora eu tenho que ir, Sonia, mas quero que você se cuide.

— Como assim, inspetor?

— Qualquer coisa me diz que você pode ser um dos próximos alvos. Seja o que for que querem

com cientistas, a verdade é que nada se faz sem dinheiro. Seqüestrar magnatas pode ser o próximo passo, e você tem o perfil muito seqüestrável. Você é muito envolvida com obras sociais, com campanhas cívicas.

— Ora bolas, por que é que o prefeito não dá segurança a essa cidade? Eu pago os meus impostos em dia!

— É esperar muito do Taurus, querida. Ele não tem o perfil de um prefeito, mas de um homem de negócios meio mafioso... tipo Lex Luthor...

— Nesse ponto eu concordo. E essa tal de Luana? Ela esbravejou muito depois que derrubaram o seu lupanar de luxo. O que você acha que ela tem a ver com essa história?

— Eu só lhe digo uma coisa: é uma mulher muito desbocada, desabrida e depravada, portanto tem todo o perfil da mulher perigosa. Ela vai querer se vingar do que Andrômeda fez. E os ajudantes dela têm todos um perfil muito sinistro.

Sonia não aguentava mais ouvir falar em perfis, por isso sentiu-se aliviada quando Felipe Oppenheimer foi embora. Pediu um lanche rápido a Gislaine e comentou:

— Espero que ele não se lembre de mim tão cedo. Aturar malucos não é minha especialidade.

O MISTÉRIO DE ANDRÔMEDA

Sumir de novo de casa, apenas informando que estaria "viajando por alguns dias" (afinal, ela tinha advogados de confiança para cuidar dos seus negócios) foi o passo seguinte. Ela sabia que não poderia dormir e tomou uma nova dose de seu remédio antisonífero.

Marcara com o pessoal e não poderia faltar.

Passara pela sua cabeça a idéia de que o inspetor procuraria segui-la, vigiá-la, mas não se preocupou muito com isso. Afinal, o perfil do inspetor apontava em outra direção... Mas Sonia possuía, de qualquer modo, os macetes para se evadir despercebidamente.

— Espero — observou o Padre Oronte, que agora trajava um "*clergyman*" para viagem — que você saiba o que está fazendo. Desaparecer por alguns dias não vai melhorar muito o meu relacionamento com o bispo ou com os meus paroquianos.

— Não se preocupe — Andrômeda continuava enigmática, imperscrutável. — As razões são muito fortes e você terá sua justificativa.

— Bem, vamos embora com a graça de Deus. Estamos todos aqui, a equipe está completa. Andrômeda fitou Glickus e Mário. O repórter, de braços cruzados e recostado em uma coluna, com um dos pés na mesma, parecia apenas aguardar os acontecimentos; porém Glickus, o vulcaniano, tinha uma sentença a pronunciar:

— É o Dia do Destino. Vamos decidir o destino do universo.

O Padre Oronte, vestido com seus paramentos eclesiásticos, ergueu a hóstia da patena. "Isto é o meu corpo, que é dado por vós."

Sonia, ajoelhada em adoração, procurou elevar o seu pensamento a Deus. A gravação posta pelo sacerdote fazia ouvir um hino eucarístico:

"E quando amanhecer o dia eterno,
a plena visão
ressurgiremos por crer nesta vida escondida no pão."

Sonia recebeu a hóstia e, retornando ao banco, recolheu-se ao seu mundo interior. Era estranho comungar mascarada, mas os outros estavam lá.

Terminada a missa, Sonia tomou um banho gasoso no box da Vésper e recolocou o seu traje de Andrômeda. Já se encontravam há tempos no espaço sideral, acompanhando as naves dos inimigos.

Tudo havia acontecido com rapidez, agora que as coisas tinham se precipitado. O sexteto seguiu com Liz até Itatiaia, onde repousava num esconderijo a nave espacial de Andrômeda. Vésper, que oficialmente não pertencia a Sonia, ergueu-se e buscou a velocidade de escape. Sonia e Glickus, com a ajuda de Salke Leiber, trataram das manobras; Oronte e Mário eram leigos.

Horas depois, Sonia deixou a direção da nave a cargo dos robôs e convocou uma reunião no salão verde de Vésper.

— É tempo — disse ela, pesando cuidadosamente as palavras — de vocês saberem algumas coisas sobre esse assunto. Eu sou órfã, e sofri muito na vida. Sofri a perda de meus pais em circunstâncias trágicas, que não mencionarei aqui.

— Espere — disse Mário, procurando o gravador portátil. — Vai nos contar a história da sua vida?

— Desligue essa joça — disse Andrômeda, com raiva ostensiva. — Esqueça as suas reportagens. Quero que preste atenção.

— Está bem, desculpe...

— Pois bem. Um dia foi um padre no orfanato, dar confissão às meninas. Era um padre estranho, de olhos brilhantes e profundos. Era alto e forte, calvo, com uns sessenta anos. Chamava-se Frei Jiri...

— Frei Jiri! Eu o conheci! Um homem lendário... — observou Padre Oronte.

— Passado algum tempo — Andrômeda, de braços cruzados, falava e andava pelo aposento, encarando seus ouvintes — eu fui especialmente chamada para falar com ele, no parlatório. Voltou ao orfanato especialmente por minha causa, queria me ver e falar comigo.

"Eu bati a porta timidamente e ele me mandou entrar com sua voz de trovão. Uma voz que ele com frequência reduzia a um sussurro, pois o seu diapasão tornava sua fala facilmente audível... e isso nem sempre era desejável.

"Ele disse: entre e sente-se, minha filha. E eu me sentei em frente a ele, tranqüila porém curiosa. E aí, batendo com a mão no joelho esquerdo, ele pronunciou aquelas palavras incompreensíveis: — Aí está ela! Aí está a que vai combater o mal!"

Apesar do tempo decorrido Sonia lembrava-se muito bem, inclusive da sua própria perplexidade: — Padre... eu não entendo.

— Você entenderá, Sonia. Você é a Guerreira da Luz. O Senhor me revelou isso, louvado seja! Você está destinada a uma missão extraordinária. Já escutou falar na Irmandade dos Cavaleiros da Sagrada Família? — Eu... nunca, Frei Jiri.

— Pouca gente ouviu falar. É uma ordem secreta e antiga, da Igreja Católica. Eu sou cavaleiro

dessa ordem. E já ouviu falar nos Grandes Antigos?

— Também não, senhor.

— Um dia você terá de combatê-los... impedir os seus negros designios. Você deve se tornar uma Cavaleira da Ordem da Sagrada Família e aguardar o dia em que precisará agir... — Mas, senhor... o senhor vê isso em mim?

— Veja claramente. Com o tempo você entenderá melhor a sua missão, o alcance de tudo o que terá de fazer. Eu soube do que aconteceu com os seus pais...

(Andrômeda omitiu várias coisas em sua narrativa, atenta em não deixar pistas evidentes sobre a sua identidade. Omitiu que os seus pais haviam sido mortos numa cilada covarde, por investigarem casos de sacrifícios humanos que, mais tarde, a justiceira descobriu serem praticados por seguidores dos Grandes Antigos. A referência ao orfanato era deliberadamente mentirosa pois embora órfã, Sonia, como menina rica, não fôra porta em orfanato.)

Frei Jiri então fez as revelações a Sonia. Falou-lhe da diferença entre o nosso universo cósmico e o universo caótico, representando outra dimensão, e no qual se haviam refugiado os seres que se encontravam em oposição às leis divinas. Falou sobre os pactos que seres humanos faziam às vezes com esses demônios extradimensionais, que num passado remotíssimo — e havia referências veladas disso no Apocalipse — tinham dominado vastos setores do universo cósmico, inclusive a Terra. Essa primitiva rebelião — de Satã, Yog-Sothot, Cthulhu e outros seres dotados de grande poder — prolongara-se pelos éons; a certa altura, causara o recuo da diáspora dos entes corporais pela Galáxia. Muito mais tarde, a encarnação de Cristo na Terra produzira um efeito muito forte nas raças do universo cósmico, levando-as a se afastar mais e mais da perniciosa influência dos Grandes Antigos.

Sonia voltou a se encontrar muitas vezes com Frei Jiri. Iniciou-se na Irmandade dos Cavaleiros da Sagrada Família, recebeu um corte na mão, selando a sua disposição de derramar o sangue pela Cristandade, se tal fosse preciso. Fez também o voto de virgindade provisória, suspendendo "sine die" qualquer idéia de constituir família, até poder requerer a desobriga pelo cumprimento integral da sua missão. A conspiração de Lúpus encontrava-se, então, em pleno andamento, e Frei Jiri temia algo de terrível ainda naquela geração.

— Mas então — admirou-se Mário — a sua atividade de combatente do crime é meramente um disfarce?

— Não de todo, Mário. Eu tinha que me ocupar com alguma coisa, ir treinando...

— Eu ainda tenho uma dúvida. A mesma que já expus antes. Como você espera enfrentar Lúpus? — interveio o vulcaniano. Andrômeda puxou de dentro de sua roupa um estojo pequeno e escuro, com filigranas douradas, artisticamente entalhado. Abriu o estojo e dele retirou o que parecia ser simplesmente o cabo de uma espada.

— O que é isso, Andrômeda? O seu trunfo?

— Veja você mesmo.

Andrômeda mexeu num comando qualquer do objeto e subitamente apareceu uma espécie de lâmina de luz, com coisa de um metro de comprimento.

O espanto foi geral. O Padre Oronte, levantando-se, exclamou perplexo:

— O que é isso, Andrômeda? Eu nunca vi coisa igual!

Glickus, que logo conteve o seu espanto, era talvez o mais admirado:

— Eu sei o que é isso, Andrômeda. É uma espada Jedi. Mas elas já não existem há milênios,

onde você arranjou essa? — A irmandade me deu, Glickus. Ela atravessou gerações incontáveis e agora é minha.

— E é com ela — perguntou Mário — que você vai enfrentar Lúpus?

— Sim, meu amigo. Sei que se trata de um adversário poderosíssimo, mas terei que ir em frente.

— E o que você pretende fazer?

— Terei simplesmente que matá-lo — a mascarada foi seca. O padre protestou:

— Não pode pensar assim! Existe o quinto mandamento... é vedado matar, Andrômeda, ainda mais premeditando.

— Padre Oronte, procure compreender. É legítima defesa. Eu gostaria de poupar esse homem, por pior que ele seja, mas estou sendo realista. Lúpus certamente não se entregará com vida e, por outro lado, fará tudo para me matar, para matar a nós todos. Se se tratasse apenas das nossas vidas, padre, não teria tanta importância; mas ele está prestes a abrir o nosso universo cósmico à invasão dos seres do caos. É muita coisa para se permitir a um homem fazer. Não, padre... — e aqui ela ergueu a lâmina de luz da espada diante de seus olhos — em último caso, eu terei que matar Lúpus... *porque a fera deve morrer.*

O BURACO NEGRO

A Vésper tinha uma salinha para jogos de baralhos de cartas, jogos de computador e outros. Glickus chamara Mário para um joguinho, como pretexto para conversar a sós com o repórter.

— Em que está pensando? — perguntou Mário, com uma expressão sombria no olhar.

— Primeiramente, se esta não é a mesma pessoa que encontramos numa certa festa onde seqüestraram uma garota. Uma pessoa audaciosa o bastante para atravessar um vitral e se jogar numa piscina lá em baixo, e para tentar alcançar um bando de seqüestradores.

— Você não está pensando que ela é a Sonia?

— Certas coisas, certos hábitos e maneirismos, definem bem uma individualidade e eu conheço Sonia muito bem. Já a vi comungar e, hoje, vendo Andrômeda fazer a mesma coisa, com o mesmo recolhimento interior, tive a certeza de que elas são a mesma pessoa. Pense bem, Mário. E ambas são amigas do Padre Oronte. Não se pode ocultar a verdade o tempo todo!

— Eu acho que você tem razão, mas... é espantoso! A Sonia? Logo a Sonia?

— Caia na real, Mário. Isso poderia ser dito de qualquer pessoa, mas alguém teria de ser Andrômeda. E esse jeito decidido, essa maneira de fazer as coisas sem a mínima vacilação, sem pensar duas vezes, isso é típico da Sonia. Ela é Andrômeda. — E o que você acha desse plano dela?

— É fantástico e ao mesmo tempo apavorante. Eu quase estou vendo a figura da Morte com a sua foice a nos ameaçar. Ela tem razão, serão eles ou seremos nós. Não haverá polícia no buraco negro. Se nós não pudermos resolver a parada, vamos morrer.

O abismo negro.

Esta é, sobre qualquer comparação, a coisa mais aterradora que existe na Criação. Já houve quem o classificasse como "um ralo no universo". É o fruto de um colapsar, mas vários buracos negros podem se juntar e assim ir ampliando o rasgão no universo das leis físicas normais. A voragem se expande. É o horizonte de eventos, a cratera negra cósmica, o buraco no espaço — o que parece um contra-senso. De fato, quando a estrela agonizante implode, desabando sobre si mesma e transformando-se em pasta nuclear (e dizem que um arranha-céu reduzido à pasta nuclear ficaria do tamanho de um alfinete, sem perda de peso ou massa), ela desce ao ponto de singularidade e forma o seu horizonte de eventos. E além do horizonte de eventos nem a luz, ou qualquer radiação eletromagnética, consegue escapar. É um abismo gravitacional. A 500 anos-luz de Canopus, "em cima" (*), existia o buraco negro de Allan Poe. Certamente, o autor da "Descida no Maellstrom" combinava com o aspecto sombrio do fenômeno cósmico. Era para lá que os monitores da Vésper conduziam o grupo. Na tela sideral,

a visão aterradora hipnotizava os tripulantes da nave. Com as mãos nos bolsos, Andrômeda era a mais impassível. Fechada em si, observava o horizonte de eventos que se aproximava.

Salk começou a tremer e tocou o braço de Andrômeda:

— Chefe, tem certeza de que você não vai nos matar a todos? Olhe só que coisa medonha!

— Nós vamos ser tragados, liquidificados... — acrescentou Leiber, batendo os dentes metálicos.

— Esse é um espetáculo raro — zombou Mário. — Dois robôs poltrões!

— Não me façam passar vergonha — sibilou Sonia. — Não foi para isso que os trouxe!

— Chefe — respondeu Leiber, — nós não somos de ferro.

— Claro que não, idiota. Vocês são de cádmio e cromo, com epiderme de platina niquelada.

— Lamento interromper essa tola discussão — observou Glickus, — mas já localizamos a nave dupla dos Antiguistas. Está pertinho de nós: somente doze milhões de quilômetros.

— Glickus, vou ajudá-lo — disse Andrômeda. — Vamos tratar das manobras necessárias.

Leiber e Salk preparem suas armas e entrem na Liz!

— Oh, não! — exclamou Salk, irritado. — Temos que ficar naquela "carra" neurastênica outra vez?

— Sem reclamações. Entrem lá os dois, será que não entendem que estamos todos juntos nisso?

— Mas Andrômeda — ainda reclamou Leiber, — esse veículo pernóstico vive implicando com a gente, ela tem inveja de nós robôs porque nós podemos andar, e além disso possuímos braços e mãos para manipular objetos. Sabemos até assinar nossos nomes, e ela não se conforma com isso. E além disso...

Súbito Andrômeda se virou para os dois autômatos. Mesmo a máscara não conseguia esconder a sua cólera:

— Pela última vez. Eu não quero saber das suas angústias existenciais. Vocês e Liz irão comigo e vamos ter que colaborar mutuamente. Eu sei que vocês devem ter sido construídos com sucata, mas tentem uma vez na vida não agir como retardados mentais. Agora VÃO! Eles foram.

O filósofo de Vulcano chamou Andrômeda à parte.

— Minha querida, você parece meio nervosa...

— Me desculpe. Às vezes esses autômatos me fazem sair do sério...

— Eu já notei, mas será que você não percebe que eles são carentes? Tudo isso é uma forma de chamar a sua atenção. — Você acha isso mesmo?

— Tenho certeza, Andrômeda. Robôs são criaturas muito sensíveis e você os magoou mais do que julga tratando-os desse jeito. Você foi muito ríspida com eles. Procure compreendê-los melhor daqui para diante.

— Está bem, Glickus. Tentarei. Vou pensar no assunto... quando puder parar para pensar.

Glickus, diante do painel direcional, acionou os reatores atômicos. O anulador gravitacional regulou a gravidade, evitando que ela ultrapassasse 1G, de modo que a aceleração não provocou desconforto. As antenas energéticas que circulavam Vésper e que se alimentavam da radiação

cósmica acendiam e apagavam num efeito de pirilampo enquanto os giroscópios estabilizavam a embarcação sideral. O empuxo chegou a 9G, ainda que compensado pelo sistema antigравitacional, e a Vésper prosseguiu célere no encaço dos inimigos.

Andrômeda, com seu controle remoto, configurava enquadramentos especiais na tela estereográfica, até se tornar evidente, numa ampliação central, a imagem de dois navios acoplados, um a reboque do outro.

— A Jamanta de Lúpus e sua nave de prisioneiros — observou Sonia. — A nave principal assemelha-se a um rolo de pastel, mais gordo no centro; a outra tem formato mais próximo do pagode chinês e está cheia de gente. Vejam o sensor termobiológico. Observem! Andrômeda colocou a imagem em negativo e logo pontos vermelhos, indicativos de energia biológica, plenificaram as duas naves, mas principalmente o foguetão-hotel.

— Espero reencontrar aquela pobre menina e seus pais — acrescentou a mascarada. — Vejam agora no canto superior esquerdo, em destaque! — O que é aquilo? — indagou Mário.

Um grande pentagrama luminoso, em pleno espaço, e a curtíssima distância — no máximo uns trezentos milhões de quilômetros — do abismo negro. Pelo visto, Lúpus desistira do cubo.

Preocupada, Andrômeda voltou-se para o clérigo:

— O senhor terá de agir, Padre Oronte. É por aquele pentagrama que o Caos invadirá o nosso mundo. Entendeu? Uma vez, há muitos séculos, Sailor Moon impediu a passagem do Caos. Não a temos agora aqui. Nós é que teremos que agir.

— E você...?

— Eu vou embarcar em Liz. Chegou a hora de nos separarmos, padre.

— Está bem, minha filha. Que Deus a acompanhe.

— Pode ir, Andrômeda — acrescentou Glikus. — Já temos as suas instruções detalhadas. Deixe a Vésper comigo.

Andrômeda abraçou os amigos e correu para o hangar, onde a esperavam Salk e Leiber; entraram todos em Liz e Sonia digitou os códigos de transformação. O escudo magnético-interativo se formou e o sistema hermetizante se consolidou.

— Estou pronta, Chefe! — gritou Liz alegremente.

— Que Jesus, Maria e José nos protejam — murmurou Andrômeda, fazendo o sinal da Cruz. Ao comando de Glickus, que mantinha contato radiofônico com Andrômeda, o hangar despressurizou e o alçapão correu, deixando aparecer o vácuo sideral cravejado de estrelas. Sonia engrenou sua máquina, que se ergueu no vácuo e afastou-se de Vésper, acelerando em seguida.

— Estou preocupado — cismou Leiber. — Eu ainda não fiz o meu testamento...

Andrômeda ia gritar "Cale-se!", mas qualquer coisa a fez mudar de idéia. Com uma súbita gentileza na voz, observou:

— Meus queridos Leiber... Salk.. Liz.. quero que saibam que eu os estimo... que os amo... se eu morrer, ao menos não deixei de dizer isso. Salk respondeu: — Ora, Andrômeda, você não vai morrer tão cedo! Você ainda nem mandou fazer a minha revisão anual... — Bom, Liz, vamos embora!

— Andrômeda, não quero ser alarmista, mas aquela nave possui canhões móveis que já estão manobrando para nos alvejar! Acredito que em seis minutos... se girarem num ângulo de 40

graus, já terão posição para disparar sobre Vésper e sobre nós.

— Pois não hão de fazê-lo!

Andrômeda acionou os retrofoguetes e criou uma súbita e desconfortável aceleração de 4G, que só ela sentiu, pois não era máquina. Mas valeu a pena: o nariz de Liz, construído com magiplast de última geração, com uma coesão molecular e atômica da ordem de cem mil volts eletrônico (as moléculas de uma gota de água são mantidas coesas por uma força de meio volt eletrônico), apontou decididamente para a ponte de conexão entre a nave-mãe e a navereboque. Tendo-se aproximado a toda velocidade, Liz já se pusera, por encurtamento da distância, fora do alcance das baterias inimigas. O choque foi inevitável e colossal. As duas naves inimigas oscilaram tremendamente; a ponte se partiu, Liz resistiu e ultrapassou o ponto do embate. Ao mesmo tempo Glickus e Mário, que a tudo assistiam, puseram em funcionamento os eletro-ímãs de Vésper. A navecalabouço, agora desgarrada, começou a pouco e pouco a se deslocar em direção à Vésper. Enquanto isso o Padre Oronte preparava, sobre um altar improvisado, as suas armas: a Bíblia, velas, incenso, estola, o hissopo com água benta, o crucifixo. Sem deixar de contemplar o pentagrama cósmico, pôs-se a recitar a fórmula do exorcismo, tal como havia sido aprovada por S. Pio X:

"Levante-se Deus e sejam dispersados os seus inimigos, e fujam de Sua presença aqueles que O odeiam..."

Derivante pelo espaço sideral, em meio a reverberações de poeira cósmica, a nave-calabouço aproximou-se da Vésper e Glickus, manobrando habilmente, conseguiu que a tração dos eletro-ímãs posicionados na lateral do navio trouxessem o seu objetivo até um contato direto, parede a parede. Glickus tratou de estabilizar as posições respectivas, aproximando a comporta de evasão de uma das portas da nave capturada, numa hábil manipulação dos controles das aletas e dos propulsores.

Quando finalmente os prisioneiros, em número de dezenas, entraram no salão da Vésper, lotando-o, Mário gritou:

— Quem de vocês é Lita?

— Sou eu! — a garota correu até ele. — Por quê? O que quer de mim?

— Esta é a nave de Andrômeda. Ela recomendou especialmente que procurássemos saber de você e de seus pais.

Enquanto isso, que sucedera a Andrômeda?

Após o choque, Liz levou algum tempo para se estabilizar. Descalibrados, os canhões da Jamanta não foram acionados: a nave inimiga oscilou durante alguns segundos, bastante abalada.

Andrômeda disparou os retrofoguetes e direcionou Liz sobre o castelo de proa da Jamanta; Salke e Leiber, atentos, observavam os ângulos das bocas de fogo; o perigo não era imediato. O motor fotônico de Liz estava bem lubrificado e a manobra foi feita com agilidade. O narizaríete de Liz apontou para o casco da outra nave, que não tinha como escapar à perseguição. Em sua tela "sailor-mercury" Sonia podia ver em qual parte da parede haveriam menos seres vivos. Não queria matar ninguém daquele jeito. — Colisão — avisou ela.

Liz abalroou a Jamanta, com tanta força que rompeu a parede de liga especial de cobre, estanho,

cádmio e outros elementos; além de dutos de nitrato e hidrogênio líquido. Liz arrebitou tudo e viu-se dentro do outro navio, sobre uma plataforma; enquanto a parede interna, de magiplast elástico, se auto-obturava.

Sonia saltou fora, segurando sua espada Jedi, e viu-se diante de uma escada que descia. Os robôs vieram atrás. Então surgiu no salão a figura ominosa da Serpente, com seu traje colante, que gritou:

— Bem vinda a bordo, Andrômeda! Aqui está o comitê de recepção! Veja! Lembra das aulas de Anatomia? Occipital, mandíbula, rádio e cúbito, fêmur e artelhos? Pois está tudo aí! Eis o seu fim, Andrômeda! E explodiu numa gargalhada assustadora.

Lá estavam eles: esqueletos vivos, apavorantes, cerca de uma dúzia de criaturas de pesadelo.

— Oh, meu Deus — murmurou Andrômeda, num momentâneo movimento de vacilação.

Lá fora o abismo negro aguardava, silente, que o pentagrama energético lhe abrisse o ponto de singularidade, para que o Caos fluísse sobre o Cosmos...

Andrômeda cerrou os olhos por um instante. Visualizou aquele momento, há poucas horas, em que recebera a hóstia consagrada (corpo de Cristo) da mão de Padre Oronte. E recordou o hino que fôra posto a tocar:

Quem o recebe não morrerá...

Andrômeda abriu os olhos. Tirou de sua capa um grande crucifixo de prata, segurando-o com a mão esquerda. Com a direita ergueu diante dos olhos a espada Jedi e destravou a lâmina de luz. Com determinação, Andrômeda moveu-se para a frente, para a escada, ao encontro do Mal em estado puro.

A BATALHA DE ANDRÔMEDA

Salke Leiber, fazendo das engrenagens coração, seguiram Andrômeda. A mascarada investiu sobre os monstros que buscavam cercá-la e esmagá-la; inutilmente, pois a espada Jedi começou a fazer estragos. Andrômeda espalhou braçadas e pernadas em ritmo frenético e logo os esqueletos foram se desmontando e espalhando suas ossadas pelo piso. Caveiras caíam, soltando-se de descarnados pescoços, e todas as tentativas de tocá-la falharam, O Padre Oronte dissera: "Uma virgem consagrada não pode ser ferida por objetos movidos pelo Mal".

Salke Leiber quase não interferiram. Andrômeda lembrou-se deles:

— Não se importem comigo! Vão cuidar da equipagem! Peguem Liz e vão à luta!

"E parem de se abraçar, seus covardes! Esses esqueletos não são de nada!"

Sonia prosseguiu em seu combate, desmontando um a um os esqueletos com sua espada Jedi, recebendo apenas alguns rasgões na roupa. Quando se livrou de todos eles a Serpente reapareceu no fundo do salão, ao lado da porta do refeitório, com sua gargalhada histérica soando novamente:

— Guerreira maldita! Pois de nada adiantará sua espada Jedi! Chamarei a Grande Salamandra e ela acabará com você! Ninguém pode vencer a Grande Salamandra!

Jogou seus magnésios no ar, provocando o aparecimento de chamas flutuantes, ergueu as mãos com unhas pontiagudas e começou a recitar um encantamento maligno:

— Ó Grande Salamandra, ó potestade das chamas! Tu, que te alimentas do sofrimento dos que morrem queimados, vem, manifestate visível com teu poder e devora com tuas chamas irresistíveis essa atrevida que ousa desafiar os Grandes Antigos! Vem, Grande Salamandra, e aniquila Andrômeda e seus aliados!

A Serpente prosseguiu em sua ladainha, já agora utilizando palavras incompreensíveis de uma língua morta:

"Ju' thikquest ôôpml Tallannfef'ndôr alml utta gok'ir..."

Sonia lembrou-se dos seus estudos de línguas antigas e julgou identificar aí algum dialeto de Valúsia, do tempo do Rei Kull. Luana ia prosseguir com a litania, quando um raio a atingiu em cheio no peito, lançando-a por terra já nas convulsões finais da agonia, enquanto uma fantasmagórica figura comprida e vermelha, que começara a se desenhar no ar, desvanecia-se inofensivamente. Recolhendo a lâmina de luz de sua espada Jedi, Andrômeda se aproximou do cadáver de sua inimiga.

— O problema dessas invocações malignas é que elas são muito demoradas — comentou ironicamente.

Ultrapassou a porta de vai-vem do restaurante... só para ser atacada por um gordo e feio sapoide que se aproveitou do desligamento da espada. Sonia guardara o crucifixo e o atacante acertou-lhe

o braço, fazendo cair a espada.

O sapoide era um ser masculino da altura de Andrômeda, mas com duas vezes o seu volume, trajando um uniforme pseudo-militar, com botas e divisas de tenente-coronel. Mas era um volume balofo. Andrômeda chutou-lhe a barriga e dando um pulo acertou-lhe uma cutelada na cara com a mão direita. O alienígena agarrou-a num abraço de urso e tentou esmagá-la. Mesmo sentindo o aperto Andrômeda acertou os dois ouvidos da criatura, num soco duplo de sanduiche, atordoando-a; vendo-se livre, a mascarada girou o corpo e acertou um pontapé de caratê no adversário, jogando-o sobre a mesa mais próxima, que se desconjuntou sob o seu peso. Quando ele se levantou Andrômeda impeliu-o para a parede, imprensando-o, e tiroulhe a vontade de lutar com meia dúzia de bofetões sucessivos. Então ela o agarrou pelo colarinho e sacudiu-o: — Onde está Lúpus? — Eu não sei... não posso... dizer... Ela o sacudiu com mais força.

— Diga-me onde ele está. Não respondo por mim se você não falar!

— Ele foi para a ponte... para ativar o feitiço do pentagrama... e ninguém poderá detê-lo.

— É o que veremos.

Andrômeda puxou o sapoide para a frente e golpeou-lhe a nuca, jogando-o ao chão quase sem sentidos.

— Aconselho-o a fugir com seu pessoal... fujam dessa nave enquanto é tempo!

Sonia pegou a espada e saiu correndo, buscando o caminho para a ponte do navio.

A jovem de capa e máscara precipitou-se pelos meandros da Jamanta. Sua prévia sondagem revelara a planta básica e ela já sabia qual a localização da ponte de comando. Pelo seu comunicador de pulso tentou falar com seus auxiliares, mas só obteve uma cacofonia louca que incluía gritos de robô, disparos de laser, xingamentos originados em cordas vocais humanas, berros coléricos de homenslagartos, ruídos de móveis se quebrando, de portas sendo arreventadas e acompanhando e sobrepondo-se a tudo, a buzina histérica de Liz..

"A coisa parece que está divertida, mas não posso me preocupar com isso agora." E assim pensando Andrômeda desligou o seu comunicador e continuou a toda, por um corredor interminável. Subiu uma escada, atravessou um almoxarifado e um gabinete de leitura e desceu outra escada, sem deparar com viva alma; aparentemente todos estavam lutando no outro lado da nave.

A ponte de comando automático, de onde se via o negror do espaço e o pavoroso abismo negro, transformara-se numa capela macabra.

A uma distância relativamente pequena, em volta do que fôra uma estrela de neutrons, o espaço curvava-se sobre si mesmo, numa singularidade que desafiava as leis euclidianas. Um passo em falso e as espaçonaves petulantes escorregariam inevitavelmente para a singularidade, pagando o preço por sua audácia.

Sobre um quadripés metálico, vasilhames especiais abrigavam chamas que consumiam incensos.

Vestido com seu manto negro e seu chapéu de chifres, o micromante mantinha no ar, diante de seus olhos, o maligno *Necronomicon*, e recitava frases hediondas numa língua antiquíssima, talvez a mesma utilizada pela Serpente. O livro estava aberto diante de Lúpus, no capítulo que falava no caos extradimensional. Com os olhos inflamados de febre e loucura, Lúpus recitava interminavelmente, invocando os poderes das trevas.

— Pare, Lúpus!

Andrômeda, chegando finalmente à ponte, postara-se a sete metros do mago e, sem deixar de segurar a espada Jedi com a mão direita, com a outra mão apontou a cruz para o *Necronomicon*, exclamando em tom de cólera santa:

— Não o fará! Você não vai chamar as sombras malignas de dentro desse maldito livro! Pelo sangue de Jesus Cristo, eu ordeno que as criaturas do mal permaneçam aí dentro e não saiam!

— Pois eu ordeno que saiam! — Lúpus ergueu ainda mais os braços: — Saiam, sombras malignas! Ordeno que saiam e que destruam Andrômeda!

Asquerosas silhuetas escuras, com mãos terminadas em garras aduncas, já procuravam escapar do livro, mas a presença da cruz as inibia. Lúpus prosseguia com suas objurgatórias. Perdendo de vez a paciência, Andrômeda lançou com a espada uma rajada energética sobre o *Necronomicon*. Lúpus deu um pulo para trás, assustado, e o livro, envolvido pelas chamas, caiu no chão pesadamente. Em poucos instantes o *Livro dos Nomes Mortos* foi consumido pelo fogo, e tudo o que restou foi um montículo de cinzas, uma fumaça esverdeada e um odor penetrante de enxofre. Lúpus fechou os punhos e fez uma careta de frustração e ódio:

— Maldição!

Andrômeda ergueu verticalmente a espada com a ponta para o alto, diante de seus olhos, e disse com sarcasmo:

— Mais alguma coisa, Lúpus? Ainda tem algum truque escondido na cartola?

Lúpus não respondeu: dando as costas à paladina, correu na direção oposta. Sem um instante de hesitação, Andrômeda foi atrás dele.

A nave era imensa, como indicava o seu nome. Passaram por intermináveis e sinistros corredores, enfeitados com gárgulas medonhas e grotescas estátuas de homúnculos alados, que se supõe terem habitado a Terra na era de Cthulhu; atravessaram correndo a Central Nervosa de Informática e ladearam os antros dos tubos de urânio envoltos em grafite e moderados por lâminas de cádmio, parte dos recursos que asseguravam tração suficiente para escapar, a mais de três milhões de quilômetros, da atração do abismo negro. Numa das esquinas Lúpus se voltou e com seu bastão mágico disparou uma carga energética contra Andrômeda. Esta pulou e rolou pelo chão, escapando ao ataque, e ao se levantar lançou por sua vez uma carga, que não alcançou o adversário. Prosseguindo na corrida, ao ladear à sua esquerda um misterioso painel de cristal azul, ela disparou várias vezes com a espada Jedi, mas as descargas morriam no manto do mago, sem lhe causar dano.

A sala que agora percorriam terminava estreitando-se até uma porta com o desenho em alto relevo de uma caveira embaiximada por dois ossos em X, e o conjunto parecia dizer: pare aqui, não ultrapasse.

A porta, porém, abriu-se para Lúpus, que não precisou sequer diminuir a carreira; ele entrou e Andrômeda, antes de segui-lo, derrubou a porta com duas descargas da espada, pois algo lhe dizia que não podia confiar naquilo.

O aposento em si não era grande e apresentava algumas estantes com velhos livros, discos de holovídeo e de som, prateleiras com retortas e instrumentos diversos para fins alquímicos e de feitiçaria, e uns escaninhos. Lúpus ordenou o "abre-te sésamo" para um dos escaninhos e uma espada encurvada, tipo de uma alfanje do deserto, voou até a sua mão; Lúpus voltou-se para Sonia e imediatamente a espada se inflamou, e o cheiro de enxofre invadiu o ambiente.

Andrômeda estacou de repente, evitando alcançar o mago, que deu um diabólico sorriso de triunfo:

-Pois bem, Andrômeda. Vamos ver se você é capaz de enfrentar as *próprias* *chamas do inferno!*

Andrômeda sorriu e mostrou a espada:

-Está bem, Lúpus. Vamos ver. Afinal... esta é a hora da verdade.

O cabo do sabre de Lúpus era comprido e não estava inflamado. As flamas só atingiam a lâmina da espada e ondulavam pelo ar ao seu redor. Chamas verde-escuro, feias. Lúpus ergueu o sabre e atacou. Andrômeda defendeu-se com a espada Jedi. Lúpus prosseguiu o ataque, do alto dos seus dois metros, e com sanha assassina. Ele tinha uma força de louco, muito superior à de Andrômeda, e a moça foi obrigada a recuar cada vez mais, incapaz de deter o ímpeto do atacante.

Assim Andrômeda retornou caminho até a comprida sala do painel. Lúpus brandia o sabre de fogo, tentando sucessivamente derrubá-la; Sonia, brandindo a espada Jedi, conseguia aparar os golpes, mas a fúria homicida de Lúpus não lhe permitia uma brecha por onde pudesse contra-atacar. Só conseguia recuar. O mago negro procurou então envolvê-la, passando para a sua direita; uma platibanda de 70 centímetros costeava o painel e Andrômeda, buscando uma posição melhor, pulou meio para-trás-e-de-lado, subindo na plataforma, colocando-se assim acima do bruxo. Lúpus gargalhou demoniacamente, como a revelar que aquilo era precisamente o que ele queria, e gritou qualquer coisa no extinto idioma de Valúsia.

O painel se abriu, suas duas metades recuando cada qual para um lado. Existia de fato um controle na parede, ao final do painel e antes de chegar à sala macabra da alfanje; mas o mago não carecera usá-lo.

Andrômeda olhou de relance e viu, a uns dez metros abaixo, estranhas chamas... granuladas, ofuscantes, e desviou a vista.

— Que é isso?

— É o forno de chamas solares... do ciclo do hélio... principal propulsor desta nave. E o seu túmulo, Andrômeda!

Dizendo, Lúpus galgou a plataforma e arremeteu contra a mascarada, com tanto ímpeto que ela caiu para trás, com os cotovelos no chão, perigosamente próxima à borda do precipício. Certamente uma camada de vácuo isolava as radiações do caldeirão solar, mas não deteria a queda de um corpo pesado.

— Morra! — gritou Lúpus, erguendo bem alta a sua arma infernal e descendo-a sobre a jovem. Tudo se passou de forma rapidíssima. Ao erguer Lúpus sua arma, Andrômeda introduziu sua mão esquerda no compartimento de sua blusa que guardava o crucifixo, tirou-o e esticou ao máximo que pôde o braço esquerdo; a espada chamejante embateu na cruz de prata e pulou para

trás como que repelida, soltando-se das mãos do feiticeiro e caindo no poço; erguendo rapidamente o corpo, Sonia moveu o braço direito para cima e para a frente, enterrando a espada Jedi no estômago de Lúpus. Ele urrou de dor; conseguindo erguer-se mais, apoiando-se no joelho esquerdo, Andrômeda puxou fora a espada e com o braço esquerdo golpeou o torso de seu inimigo, desequilibrando-o. Lúpus caiu de costas no abismo de fogo, berrando de dor e desespero. Ao por-se finalmente de pé, a moça teve tempo apenas de vislumbrar o corpo de Lúpus sendo tragado pelas chamas solares.

MISSÃO CUMPRIDA

Andrômeda pulou da plataforma e procurou o painel de controle. Manipulou as teclas até provocar o fechamento do painel azul, isolando o perigoso poço.

Ouviu-se um barulho ensurdecedor. O teto ruiu e o vulto gigantesco de Liz desabou no piso metálico, a poucos metros de Andrômeda; e logo seguido de Leiber e Salk. Liz estava toda amassada, os robôs idem, e faltava metade de um braço de Salk; mas nada que não se pudesse remediar em casa, com peças de reposição.

— Vamos embora daqui! — gritou Andrômeda — Liz, abra!

O carro abriu suas portas; Andrômeda e os robôs entraram e Liz buscou a mais próxima parede externa, rebentando-a como da primeira vez. Ao saírem no vácuo, Andrômeda percebeu que o pentagrama cósmico se desvanecia rapidamente, até sumir de todo. Pouco depois, a Jamanta explodiu.

— O Padre Oronte fez um bom trabalho — disse ela modestamente.

Não lhe passou despercebido o escape de uma pequena nave auxiliar. O sapoide ao que parece seguira o seu conselho, provavelmente com outros membros da equipagem.

Dois meses após.

Na residência de Sonia Maria Sagres, uma visita ilustre: o Inspetor Oppenheimer.

— Esse seu noivado com o Mário... me alegrou e me surpreendeu. Você tinha fama de solteirona, mas eu sabia que esse não era o seu perfil. Era tudo uma questão de oportunidade...

— Bem, eu sempre fui perfeccionista, inspetor. E muito exigente, a começar por mim mesma.

— Estou contente também de saber que Arlete voltou às boas com você. Ela é uma cabeça-dura, mas afinal não gostou de saber que tinha uma gang na sua criadagem.

Andrômeda — perdão, Sonia — sorveu um pouco do refresco de camu-camu e observou:

— Você acredita em tudo o que contaram?

— Se acredito na teoria da conspiração? Não, eu não acredito, e não acredito na lei de Murphy. Para mim, ET's do universo do caos são um absurdo.

— Mas mesmo assim... você sabe que eu conversei com a Lita... mas os cientistas e seus parentes, vítimas de seqüestro, confirmaram aquele horror todo...

— Isso transcende muito a minha humilde pessoa. O próprio presidente anistiou Andrômeda e, curiosamente, ela não apareceu nem para agradecer.

— Inspetor, acreditava se eu lhe dissesse que eu sou Andrômeda? O homem riu, numa gargalhada estrondosa.

— É claro que não, Sonia! Seu perfil não tem nada a ver! Você é a mulher organizada e metódica... e Andrômeda é uma improvisadora. — E quem será Andrômeda, afinal?

— Eu fiz um estudo, em meu computador, de todas as mulheres que conheço e afinal descobri a

que se enquadra melhor no perfil de Andrômeda. Infelizmente ela tem um álibi perfeito para o dia em que Andrômeda se encontrava lá no espaço interestelar; só me resta concluir que Andrômeda é uma mulher que eu não conheço.

— Que álibi é esse?

— Ela estava comigo. É a minha esposa.

— Oh! — e Sonia não conseguiu dizer mais nada.

— Mas é claro — prosseguiu Oppenheimer — ela pode ter programado um robô para substituí-la.

— Coitada da Gema... — murmurou Sonia.

O inspetor terminou o seu chá de jenipapo e se despediu.

— Se um dia você encontrar Andrômeda, Sonia, diga-lhe para me visitar. Afinal ela foi anistiada e pode aparecer sem susto e sem tirar a máscara. Gostaria que ela colaborasse com a polícia e também gostaria muito de estudar melhor o seu perfil. Talvez possamos aperfeiçoar o perfil dos nossos detetives.

Tapthes, o jardineiro oriundo do Arquipélago Artificial do Alcaçuz, veio anunciar uma nova visita:

— O Sr. Glickus Sipk

— Mande-o entrar — disse Sonia.

— Pois não, senhora.

O jardineiro se foi, coxeando como de costume, e o policial observou:

— Esse seu empregado é um tipo exótico... mas eu ainda não pude examinar melhor o seu perfil.

O inspetor cumprimentou Glickus e se foi. Depois que ele

fechou a porta atrás de si, Sonia perguntou ao amigo:

— Glickus, como está o meu perfil?

— Hein?

Sonia fez um gesto tipo "deixa-pra-lá":

— Desculpe, não ligue para o que eu disse. É que loucura é contagiosa. Mas vamos sentar.

Glickus sentou no melhor sofá da sala e Sonia acionou por controle remoto a mesinha-garçonete, que veio cheia de acepipes e bebidas.

Glickus contemplou por alguns instantes a estátua de São Miguel Arcanjo, que portava um filactério com a frase "Quem é como Deus?", serviu-se de chocolate quente com conhaque e falou: — Você parece mais tranqüila, Sonia.

— Sim, sem dúvida. Você também. Passamos por um período de muita tensão.

— Descobrir que você é Andrômeda aumentou muito o conceito em que eu a tinha. Mas o mais incrível é que o inspetor não tenha descoberto.

— Dou graças aos Céus pelos métodos que ele usa.

— O que será de Andrômeda? — Glickus cortou bruscamente o assunto do inspetor.

— Vou ver Frei Jiri, para que ele me desobrigue do voto, e tratarei do meu casamento com Mário. Mas a guerreira Andrômeda poderá voltar a agir, se houver necessidade — como a Esfinge Negra...

— A Esfinge Negra?

— Regina Siljan. Eu a conheci anos atrás, no setor de Sérvius, ela e o seu turbilhão de cores.

Ficamos amigas, mas ela tinha a missão dela e eu a minha. Nós nos separamos, mas eu soube que a sua nave Alcione cessou a guerra, depois que ela derrotou o pirata Nestomar. Agora ela é

uma assistente social cósmica. Eu também vou tratar das obras de caridade, agora que o mal foi aparentemente derrotado.

— O mal voltará, Sonia. Um dia.

— Mas quando? Se for daqui a alguns séculos, não é mais comigo.

— O que eu admiro em você, Andrômeda, é que você nunca trepidou... nunca hesitou... diante dos perigos mais apavorantes e da diferença de forças em questão, você seguiu numa linha reta sem vacilação, até a vitória final. De onde você tira essa força interior, Andrômeda? A moça respondeu na ponta da língua:

— De Deus.